



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,  
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO CRONOTOPO  
PANDÊMICO: ENTRANDO PELOS PORTÕES DAS CASAS PARA  
CONVERSAR COM AS FAMÍLIAS**

**JANETE ANÍBAL DE OLIVEIRA**

*Sob a orientação da Professora Doutora*  
**FLÁVIA MILLER NAETHE MOTTA**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica /Nova Iguaçu, RJ  
Outubro, 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

048e Oliveira, Janete Aníbal de , 1985-  
Ensino remoto emergencial no cronotopo pandêmico:  
entrando pelos portões das casas para conversar com  
as famílias / Janete Aníbal de Oliveira. - Seropédica;  
Nova Iguaçu , 2023.  
96 f.: il.

Orientadora: Flávia Miller Naethe Motta.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em  
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares  
, 2023.

1. Ensino Remoto Emergencial. 2. Pandemia. 3.  
Linguagem. 4. Conversa. 5. Mediação. I. Motta, Flávia  
Miller Naethe, 1963-, orient. II Universidade Federal  
Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em  
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares  
III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS  
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**



**TERMO Nº 1217 / 2023 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)**

**Nº do Protocolo: 23083.074077/2023-43**

**Seropédica-RJ, 08 de novembro de 2023.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS  
POPULARES**

**JANETE ANIBAL DE OLIVEIRA**

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 30/10/2023

Membros da banca:

FLÁVIA MILLER NAETHE MOTTA. Dra. UFRRJ (Orientadora/Presidente da Banca).

MÁRCIA DENISE PLETSCH. Dra. UFRRJ (Examinadora Interna).

ANA LUCIA GOMES DE SOUZA. Dra. UERJ (Examinadora Externa à Instituição).

*(Assinado digitalmente em 09/11/2023 12:02 )*

FLÁVIA MILLER NAETHE MOTTA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptES (12.28.01.00.00.86)  
Matricula: 1717735

*(Assinado digitalmente em 09/11/2023 05:43 )*

MARCIA DENISE PLETSCH  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptES (12.28.01.00.00.86)  
Matricula: 1639282

*(Assinado digitalmente em 08/11/2023 19:13 )*

ANA LUCIA GOMES DE SOUZA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 846.870.707-44

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **1217**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **08/11/2023** e o código de verificação: **8f08890ebb**

*“O segredo, querida Alice, é rodear-se de pessoas que te façam sorrir o coração. É então, só então, que estarás no país das maravilhas.” Lewis Carroll. A todos que fizeram sorrir meu coração!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me permitir continuar existindo e conquistando meus sonhos!

À Fernanda, minha irmã que sempre acreditou que seria possível chegar até aqui.

Aos meus pais, Fátima e Jorge, que me ofereceram o seu melhor sempre valorizando “o estudar” mesmo diante de tantas intempéries.

As minhas amigas queridas, Lorena e Tamara que acreditaram e me apoiaram infinitamente. Às queridas amigas e companheiras de Grupo de Pesquisa, Ana Alice e Caroline que estão comigo nesta construção de ser pesquisadora, e à querida Ana Lúcia que me auxiliou com todo o carinho no processo de seleção.

A minha orientadora Flávia, admirável, inteligente, generosa, amorosa, pontual e humilde, que me faz acreditar ser possível ser comprometida, competente e incrível sem deixar de ser humana. Aos membros do GEPELID, por tantas trocas e aprendizagens que contribuíram para a minha formação.

A todas as escolas públicas que frequentei que me oportunizaram me desenvolver intelectualmente.

Aos queridos professores da graduação em Letras, Gléris e Sergio, que foram grande inspiração durante minha licenciatura e pessoas importantes para o meu retorno à academia.

A minha psicóloga Girleide que me ajudou a reencontrar o caminho de volta à vida, e não apenas existir! Nosso trabalho foi gigante e nossa conquista maior ainda. Obrigada minha querida “apertadora de parafusos”, como eu costumava te chamar!

A esta banca tão competente, que aceitou com carinho o convite de abrilhantar meu trabalho com suas considerações. Meus mais profundos e sinceros agradecimentos a vocês, que fazem da minha vida, um ótimo lugar para se estar. Por último, não menos importante, agradeço ao amigo Henrique Mustella pela ajuda com a revisão deste trabalho.

## A PORTA

Rio de Janeiro, 1970

Eu sou feita de madeira  
Madeira, matéria  
morta Mas não há  
coisa no mundo Mais  
viva do que uma  
porta.

Eu abro devagarinho  
Pra passar o menininho  
Eu abro bem com cuidado  
Pra passar o namorado  
Eu abro bem prazenteira  
Pra passar a  
cozinheira Eu  
abro de supetão  
Pra passar o  
capitão.

Só não abro pra essa gente  
Que diz (a mim bem me  
importa...) Que se uma  
pessoa é burra É burra como  
uma porta.

Eu sou muito inteligente!

Eu fecho a frente da casa  
Fecho a frente do  
quartel Fecho tudo  
nesse mundo Só vivo  
aberta no céu!

**Vinicius de Moraes**

## RESUMO

OLIVEIRA, Janete Anibal. **Ensino Remoto Emergencial no cronotopo pandêmico: entrando pelos portões das casas para conversar com as famílias.** 2023. 96p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/ Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

A partir desta pesquisa, podemos afirmar que a existência de instrumentos por si só não possibilitam a aprendizagem, pois é por meio das relações dialógicas e dialéticas das interações sociais que aprendemos e internalizamos o conhecimento. Este estudo buscou entender como ocorreram as mediações realizadas pelas famílias das atividades escolares dos alunos matriculados no primeiro segmento do Ensino Fundamental, por meio do Ensino Remoto Emergencial (ERE), devido ao isolamento social consequente da Pandemia da Covid-19. Para tal, analisamos os enunciados dos familiares sobre como foi vivenciar esta experiência numa perspectiva sociocultural. Sendo uma pesquisa das Ciências Humanas, seguindo o viés da heterociência, utiliza-se a conversa como metodologia para escutar, responsável e responsivamente, os familiares dos discentes da Escola Municipal Professor Joaquim de Freitas, no município de Nova Iguaçu/RJ. As conversas realizaram-se de acordo com a preferência dos responsáveis pelo discente: via *WhatsApp*, por troca de mensagens escritas ou áudios. Os familiares foram convidados a participar da pesquisa por meio de mensagem via *WhatsApp* e/ou pessoalmente. A pesquisa foi realizada através do ciberespaço, a princípio por conta da questão da crise sanitária e depois porque foi a forma mais confortável escolhida pelos responsáveis. As conversas ocorreram entre dois mil e vinte um e dois mil e vinte e três. Visto que, é por meio da linguagem que interagimos socialmente e nos constituímos, tecemos aqui um diálogo entre as vozes dos familiares, dos textos dos referenciais teóricos e da pesquisadora para construir a compreensão dos “atos únicos e irrepetíveis”, como nos diz Bakhtin. Com os conceitos de Bakhtin formando a base do portão, das passagens que construímos e que vai se deslocando, alterando-se enquanto tecemos novas bases de outros portões que aparecem no caminho. Em Vigotski, buscamos o conceito de mediação. Em Roudinesco, trabalhamos com o conceito de família contemporânea. Com Santos e Lemos, trazemos os conceitos de cibercultura, ciberespaço e realizo uma análise de como se configurou o ERE na Unidade Escolar em que ocorreu o estudo. Lopes contribuiu a respeito da metodologia da conversa, baseada no dialogismo proposto por Bakhtin.

**Palavras-chaves:** Linguagem; Mediação; Conversa; Pandemia; Família; Ensino Remoto Emergencial.

## **ABSTRACT**

OLIVEIRA, Janete Anibal. Emergency Remote Teaching in the pandemic chronotope: entering through the gates of homes to talk to families. 2023. 96p. Dissertation (Master's in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Institute of Education/ Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

From this research we can state that the existence of instruments alone does not enable learning, as it is through the dialogical and dialectical relationships of social interactions that we learn and internalize knowledge. This study sought to understand how the mediations carried out by families in the school activities of students enrolled in the first segment of Elementary Education occurred, through Emergency Remote Education (ERE), due to the social isolation resulting from the Covid19 Pandemic. To this end, we analyzed family members' statements about what it was like to experience this experience from a sociocultural perspective. Being a Human Sciences research, following the heteroscience bias, conversation is used as a methodology to listen, responsibly and responsively, to the families of students at Escola Municipal Professor Joaquim de Freitas, in the municipality of Nova Iguaçu/RJ. The conversations took place according to the preference of those responsible for the student: in person or via WhatsApp, by video call or audio exchange. Family members were invited to participate in the research via WhatsApp message and/or in person. The research was carried out through cyberspace, initially due to the issue of the health crisis and later because it was the most comfortable way chosen by those responsible. The conversations took place between two thousand and twenty-one and two thousand and twenty-three. Since it is through language that we interact socially and constitute ourselves, here we weave a dialogue between the voices of family members, the texts of theoretical references and the researcher to build an understanding of “unique and unrepeatable acts”, as Bakhtin tells us. With Bakhtin's concepts forming the basis of the gate, of the passages that we build and that are moving, changing as we weave new bases for other gates that appear along the way. In Vygotsky, we look for the concept of mediation. At Roudinesco, we work with the concept of contemporary family. With Santos and Lemos, we bring the concepts of cyberculture, cyberspace and analyze how the ERE was configured in the School Unit where the study took place. Lopes contributed methodologically based on the conversation methodology.

Keywords: Language; Mediation; Conversation; Pandemic; Family; Emergency Remote Teaching.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ERE – Ensino Remoto Emergencial

GEPELID – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Linguagens, Infâncias e Diferenças

OMS – Organização Mundial da Saúde

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Quadros decorativos. ....	30
Imagem 2: Layout do grupo criado para trocar informações com familiares.....	51
Imagem 3: Print de conversa com Mauricea .....	55
Imagem 4: Evolução humana .....	58
Imagem 5: Print de site da Prefeitura de Nova Iguaçu.....	70
Imagem 6: Prints do google drive mostrando as atividades armazenadas. ....	72
Imagem 7: Formações familiares contemporâneas.....	79
Imagem 8: Formações familiares contemporâneas.....	80
Imagem 9: Conversa com Veronica no WhatsApp.....	84
Imagem 10: Conversa com Veronica no WhatsApp.....	85

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1: Perfil das sujeitas da pesquisa	54
TABELA 2: Alguns termos para entender a cibercultura .....	64

# Sumário

LISTA DE ABREVIATURAS .....	9
LISTA DE IMAGENS .....	10
LISTA DE TABELAS .....	11
INTRODUÇÃO.....	13
1. REABRINDO OS PORTÕES DA ACADEMIA: O MEU RETORNO.....	20
2 - ENTRANDO PELOS PORTÕES DAS CIÊNCIAS HUMANAS – REFERENCIAL .....	31
TEÓRICO .....	31
– Bakhtin: o filósofo da linguagem .....	33
– VIGOTSKI: o psicólogo da mediação .....	39
– Linguagem e mediação: constructos sociais .....	45
3– POR QUE A CONVERSA COMO METODOLOGIA?.....	46
3.1 Entrando nas casas das famílias: os sujeitos da pesquisa.....	51
4– ATRAVÉS DO OLHO MÁGICO: ESPIANDO A CONTEMPORANEIDADE!.....	56
4.1:Cibercultura: quando uma janela funciona como uma porta!.....	58
5 - FECHANDO OS PORTÕES DA ESCOLA .....	66
O ensino remoto emergencial na E M Professor Joaquim de Freitas .....	70
6 - ENTRANDO PELOS PORTÕES DAS CASAS DOS DISCENTES: CONVERSA .....	78
COM AS FAMÍLIAS .....	78
6.1- As conversas com os familiares .....	83
DEIXANDO A PORTA ENTREABERTA PARA AS COMPREENSÕES.....	89
REFERÊNCIAS.....	92

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação resulta da pesquisa de Mestrado “Ensino Remoto Emergencial no cronotopo pandêmico: entrando pelos portões das casas para conversar com as famílias”. O recorte que serviu de campo de pesquisa foram as conversas realizadas com familiares de discentes da Escola Municipal Professor Joaquim de Freitas, pertencente ao município de Nova Iguaçu/RJ. Como questão de investigação, eu quis compreender como foi realizada a mediação dos conteúdos escolares pelas famílias de alguns discentes desta Unidade Escolar durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE) por causa do isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19.

A pesquisa teve como objetivo principal conhecer os enunciados do desenvolvimento das ações e adaptações possíveis de acompanhamento e auxílio dos familiares com as atividades escolares de alunos do Ensino Fundamental durante a pandemia. E, como objetivos específicos: registrar as possíveis ações de acompanhamento das atividades escolares pelos familiares; relatar, sobre como eram constituídas as famílias pesquisadas durante o isolamento social; explanar sobre os conceitos que compuseram o entendimento do recorte escolhido para construir este estudo: linguagem, contemporaneidade, mediação, família, cibercultura.

Teoricamente, os anos letivos iniciam da mesma forma, todos os anos: com a abertura dos *portões* para a entrada dos alunos e das alunas, antigos e novos. Nas primeiras semanas, para alguns, há um processo chamado de adaptação (acolhimento ou inserção, a contar com a escolha semântica da equipe ou sua fundamentação teórica) ao ambiente escolar, comum nas turmas de Educação Infantil. Aqui a atenção fica para a abertura dos portões e depois das portas das salas de aula que, normalmente, são enfeitadas para, com alegria, acolher o novo ano letivo que se inicia, no lugar onde novos desafios e histórias serão vividos. Por muito tempo essa foi uma rotina escolar comum e até executada de forma bastante incorporada no fazer escolar, sempre presencial em escolas de Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio).

No entanto, no ano de dois mil e vinte (2020) logo após um início de ano letivo comum, como o citado, o rumo das ações escolares e da vida de modo geral não iria mais seguir de acordo com a nossa ilusão de que todos os anos eram “iguais”, com um ritmo próprio e cristalizado. Chamo ilusão, pois acredito que os “atos são únicos e irrepetíveis”, como nos afirma Bakhtin (2012), o pensador que fundamenta teoricamente minha escrita e esta pesquisa. O fato é que o ano letivo de dois mil e vinte (2020) foi o que chamamos de atípico, como uma das consequências da pandemia da Covid-19. Ele foi caracterizado como o ano de instauração da pandemia causada pelo novo Coronavírus.

O vírus chamado de Covid-19 surgiu na China no final do ano anterior, apresentando amplo e acelerado potencial de contaminação, dando origem a uma crise sanitária mundial. Como forma de adiar a contaminação em massa, o isolamento social foi a forma fundamental de minimizar os seus impactos.

Rapidamente, identificou-se a presença de uma nova variedade do vírus do tipo corona, e em pouco tempo, casos semelhantes apareceram em outras cidades e regiões do país e fora dele. Era o início da pandemia. Ainda assim, como os números da doença continuaram aumentando em mais países e continentes, cobrindo quase todo o globo, a OMS<sup>1</sup> decretou o pior dos cenários: os casos estavam se alastrando e sem nenhuma organização prévia dos governos e das redes de saúde do mundo. (VELLOSO, SANTOS, JUNIOR, 2020)

No Brasil, em março de dois mil e vinte, presenciamos a abrupta alteração no nosso modo de viver: instaurou-se a quarentena, o isolamento social. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) promulgada em 1996, na Seção III, que trata do Ensino Fundamental, em seu artigo 32, parágrafo quarto, estabelece que, em situações emergenciais, o ensino a distância pode ser aplicado a esta modalidade. E, como solução para continuidade das atividades escolares, foi instaurado o Ensino Remoto Emergencial. Estabelecimentos comerciais de serviços não essenciais, as igrejas, os transportes públicos e as escolas foram fechados por conta do desconhecimento de quais ações seriam cabíveis para combater o novo Coronavírus.

A disseminação da contaminação pela COVID-19 conduziu o ensino presencial a mudar a rota, e, em 29 de maio de 2020, nos termos do artigo 2º da Lei nº9131, de 14 de novembro de 1995, o Ministério da Educação homologou o Parecer CNE/CP nº5/2020, do Conselho Nacional de Educação (CNE), “o qual aprovou orientações com vistas à reorganização

---

<sup>1</sup> OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE

do calendário escolar e à possibilidade de cômputo de atividades não presenciais, para fins de cumprimento de carga horária mínima anual” (BRASIL,2020). A partir desse momento, os docentes tiveram que adaptar posturas, metodologia e habilidades e ainda testar capacidades relacionadas às tecnologias digitais da informação (TCs) no trabalho, implantando-as na sua rotina como meio efetivo de comunicação com os alunos. (VOGES, M; DI FANTI, M., 2021)

Não bastasse o caos e insegurança diante do que acontecia e o fato de ignorarmos totalmente como seria o caminhar da pandemia, o Brasil enfrentava outro tipo de praga moderna, o NEGACIONISMO, que foi amplamente autenticado pelo representante do governo federal em diversas ocasiões, nas quais, entre outras ações negacionistas, minimizou a gravidade da situação, sendo contra o isolamento social, o uso de máscaras, defendendo o uso de medicações ineficazes contra a doença e sendo totalmente desfavorável à vacina desenvolvida para combater o vírus. E, ainda, com a verbalização irônica de falas desumanas como: “é só uma gripezinha”, “eu não sou coqueiro”, “sou Messias, mas não faço milagres”, “não posso fazer nada se você virar jacaré” (referindo-se à aplicação da vacina contra Covid). Se fizermos uma busca rápida na internet, poderemos encontrar várias páginas que registraram inúmeras falas do Presidente da República que contribuíram para piorar a situação do desenvolvimento da Covid19 no Brasil.

Fora do Brasil, a disseminação do vírus já tomava forma de pandemia, no final de dois mil e dezenove (2019), países já implantavam medidas contra a propagação do vírus, construíam hospitais de campanha, alertavam ao mundo que fizesse o que fosse possível para proteger a população. O isolamento social foi implantado e as interações pessoais, escolares e de trabalho passaram a acontecer por meio da internet e interfaces digitais. Uma de nossas companheiras de grupo de pesquisa<sup>2</sup>, Ana Alice Kulina Simon Esteves Sampaio, estava em Portugal cursando disciplina do doutorado na Universidade do Minho e já trazia para nós a notícia de como estava se configurando esse primeiro momento de pandemia.

Diante desse panorama, nasce um projeto de pesquisa institucional denominado “*O ano em que o mundo parou: conversas com crianças e adultos sobre a educação on-line*”, em desenvolvimento pela Professora Doutora Flávia Miller Naethe Motta, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e coordenadora do nosso grupo de pesquisas, GEPELID, cujos assuntos foram ganhando forma com o decorrer dos acontecimentos. Ana Alice, conversando

---

<sup>2</sup> Grupo de Diferenças de Estudos e Pesquisa sobre Linguagens, Infâncias e - [dgp.cnpq.br/dgp/espelhorh/5208144781873134](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhorh/5208144781873134)

com as crianças, Caroline Martins dos Santos Nunes, outra companheira do grupo de pesquisa, conversando com os professores e desenvolvendo estudos sobre a formação docente em tempos de pandemia. Jaqueline Medeiros, que além de ser do mesmo grupo de pesquisa, também foi da mesma turma de mestrado que eu, desenvolvendo a pesquisa também com crianças. E aqui, nesta pesquisa, trato da conversa com adultos, especificamente aqueles que integram a família das crianças, com explicado no início desta introdução.

A disseminação da Covid-19, do final de dois mil e dezenove até o meio do ano de dois mil e vinte e dois pode ser classificada em momentos: no primeiro, quando a China anuncia o aparecimento do vírus e a Europa começa a se estruturar para enfrentá-lo, pois rapidamente sofre com seu impacto e, no final de dois mil e dezenove (2019) constata-se que, no Brasil, já existiam infectados. No segundo momento, a disseminação da Covid-19 já tomou a proporção de pandemia e há um movimento mundial científico para iniciar a produção de vacinas, quando o isolamento social foi instaurado no Brasil. Implanta-se o Ensino Remoto Emergencial, por conta da suspensão das aulas presenciais; considero o início da aplicação das vacinas na população, permitindo, aos poucos o retorno de atividades presenciais como terceiro momento. Foi o começo do pós-isolamento. No quarto momento, tivemos de nos reinventar para nos adaptarmos ao retorno da convivência social e superar as consequências do isolamento.

No segundo momento da pandemia do Covid-19, eu era professora alfabetizadora<sup>3</sup> do terceiro ano de escolaridade em uma Unidade Escolar municipal no município de Mesquita. Foi impactante a ruptura do ensino presencial! Questionávamos como seriam os próximos meses, como seria a vida. Eu costumo sempre conversar com minhas turmas sobre o que e como as coisas vão acontecer deixando-as cientes e não à mercê dos fatos sem terem informações. Mas naquele momento não tínhamos certeza de nada, tudo era provisório. Tivemos de, duramente, aceitar que não estamos no controle da vida, temos apenas nossos “atos”. A princípio, fortemente impactada com a ideia de como seria o trabalho alfabetizador de modo não presencial, eu desejei pesquisar sobre a formação docente alfabetizadora. Entretanto, com o fechamento dos *portões* da escola para os alunos e as alunas, outro movimento surgiu na organização do que íamos considerar por certo tempo o “novo normal”.

Outros *portões* e outras *portas* foram abertos. No sentido literal, *portões e portas* significam “abertura através da qual as pessoas entram e saem de um lugar” ou “estrutura

---

<sup>3</sup> Mais para frente faço uma apresentação mais detalhada.

construída para impedir ou permitir o acesso do interior para o <sup>4</sup>“exterior”, poderíamos também entender como o limite entre locais. O *portão* da escola, por exemplo, limita onde começa e termina meu trabalho, teoricamente. De fato, o trabalho do professor sempre ultrapassa esse limite e entra pelo *portão* e pela *porta* de sua casa. A *portateve* um significado especial durante o isolamento. Aqui a *porta* representa o individual, o particular, o privado, pois não recebemos quaisquer pessoas em nossa casa, não é mesmo?! Já o *portão* costuma dar acesso ao quintal, à portaria do prédio ou ao pátio da escola. Aqui *portão* e *porta* acabam tomando um significado da vida privada mesclando-se com a vida pública. Se o *portão* e as *portas* da escola se fechavam, o *portão* e a *porta* das casas se abriam, tanto da casa dos professores como da casa dos estudantes, unindo a escola, os professores, o estudante e a família para enfrentar o desconhecido que se apresentava naquela conjuntura.

A família teve seu papel modificado com a suspensão das aulas presenciais. Se de um lado a casa dos professores era “invadida” por reuniões *on-line*, inúmeros grupos de *WhatsApp*<sup>5</sup> para organização e comunicação sobre o trabalho, do outro, tinha uma mãe, um pai, uma tia, uma avó ou uma irmã mais velha que estavam tentando acompanhar e entender como auxiliar o estudante a continuar seus estudos em meio ao caos.

Se nós, professores, que temos formação para ensinar, experimentamos milhares de questionamentos, dúvidas e inseguranças de como exercer nosso trabalho de modo remoto, como seria para as famílias assumirem mais essa responsabilidade de acompanhar de perto, por meio da cultura digital, a execução das atividades escolares? Foi então que mudei minha questão de pesquisa e resolvi olhar para a realidade de como os familiares mediarão as atividades escolares. Trabalhei com a perspectiva histórico-cultural que considera o contexto sócio, histórico, cultural e contemporâneo para analisar o recorte feito na pesquisa. Não buscamos erros ou acertos no processo de desenvolvimento do ERE nem por parte de como as famílias lidaram com a situação nem por parte da escola e demais atores envolvidos. O interesse foi o registro de como aconteceu, como foi possível realizar e o que podemos aprender com isso.

Para desenvolver e fundamentar teoricamente esta pesquisa, apoiei-me nos estudos dos textos de alguns teóricos: Mikhail Bakhtin, teórico principal do meu grupo de pesquisas – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Linguagens, Infâncias e Diferenças (GEPELID)<sup>6</sup>. Conhecido como

---

<sup>4</sup> Dicionário Online de Português

<sup>5</sup> É um aplicativo/ rede social de troca de mensagens instantâneas, além de vídeos, chamada de voz, arquivos.

<sup>6</sup>Endereço para acessar o espelho do grupo: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1450794168236033](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1450794168236033)

filósofo da Linguagem, que afirma que todos os nossos atos são únicos e irrepetíveis, responsáveis e responsivos; Lev Vigostki, psicólogo que fala sobre o desenvolvimento humano a partir da linguagem e traz o conceito de mediação; Pierry Levy, Lucia Santaella e Edmea Santos contribuindo com os estudos sobre Cibercultura e Educação Online; com Elisabeth Roudinesco busco embasamento para falar sobre a família contemporânea. Em Bakhtin e Ana Lúcia Lopes, fundamento a metodologia da conversa, utilizada para desenvolver esta pesquisa.

Sendo uma pesquisa que considera fazer ciências *com* e não *sobre* o objeto, seguimos o viés da heterociência<sup>7</sup> que propõe especificidades para os campos das ciências humanas e sociais. Decorre de cunho qualitativo e tem como metodologia principal a conversa (LOPES, 2018)<sup>8</sup>. Esta pressupõe a escuta e implica colocar os sujeitos, o pesquisador e o participante da pesquisa em igualdade. Para construir uma narrativa discursiva dialógica a partir do constructo teórico e da conversa com os familiares, que foi meu campo de pesquisa, apresento os seis capítulos que constituem este projeto de dizer.

No primeiro capítulo, conto como foi reabrir os portões da academia retornando aos estudos após longo período. Trago um pouco da minha história pessoal para que você, leitor, saiba de qual lugar eu apresento as minhas percepções, minha fala. Que sabendo como eu me constituí, eu possa trazê-lo elementos que corroborem com a sua compreensão sobre o meu texto.

No segundo capítulo, trato das ciências humanas, abordando os conceitos de heterociência, linguagem, cronotopo com Bakhtin e com Vigotski o conceito de mediação. Apresento meu entendimento sobre o que significa pesquisar pelo viés da abordagem histórico-cultural; discorro sobre significado, dialogismo, polifonia, dialogismo e dialética.

No terceiro capítulo, apresento a metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa: a conversa. Apresento pontos que justificam a utilização desta atividade tão comum socialmente como caminho para alcançar os objetivos propostos. Também exponho os elementos que compõe o perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa.

No quarto capítulo trago o contexto contemporâneo que engloba a dinâmica da pandemia, o contexto sócio, econômico e governamental que foram o cenário em segundo plano diante dos fatos ocorridos. Apresento os elementos que encadeiam a cibercultura.

No quinto capítulo, falo sobre o fechamento da escola e conto como foi o desenrolar do Ensino Remoto Emergencial no campo de pesquisa. No sexto capítulo, entro pelos *portões* das

---

<sup>7</sup> No capítulo 1 desenvolvo este conceito.

<sup>8</sup> Mais adiante tratarei melhor sobre este conceito metodológico.

casas dos discentes e apresento a conversa realizada com os familiares. Finalizo este texto fazendo considerações a respeito das respostas e/ou perguntas que a pesquisa me fez enxergar através dos constructos teóricos aliados ao ato único e irreptível de pesquisar interagindo com os sujeitos. Por fim, cabe informar que o projeto desta pesquisa foi submetido na Plataforma Brasil e foi aprovado de acordo com o Parecer de número: 5.703.688, em dezessete de outubro de dois mil e vinte e dois. No qual apresento a estrutura os documentos de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os familiares tomarem ciência de como será sua participação e o Termo de Autorização da Unidade Escolar na qual os discentes dos familiares participantes da pesquisa estão matriculados.

## 1. REABRINDO OS PORTÕES DA ACADEMIA: O MEU RETORNO

*Mulher: Perdida? Se há caminhos, há entradas; se há entradas, há saídas. Nunca estamos totalmente perdidos, mas sempre estamos na caminhada. Por isso, perder-se é também achar as coisas e achar-se nas coisas. (LOPES, 2018, p.18)*

Início a escrita do primeiro capítulo deste trabalho falando sobre mim, a pesquisadora, narradora e autora desta pesquisa, que ao se perder, achou-se. Além de se achar, encontrou! Encontrou, pois: Mikhail Bakhtin, amorosidade, atos responsivos e responsáveis, diálogo, escuta, alteridade, o eu, o outro. Os encontros aconteceram na vida! Os registros dos enunciados dos encontros vivenciados acontecem na arte, de forma narrativa, dentro de um plano estético que eu imaginei que faria mais sentido.

Plano estético em Bakhtin refere-se ao modo como o autor decide, escolhe a forma e os elementos que farão parte de seu projeto de dizer. Sendo assim, o plano estético que faz mais sentido para mim, que eu acredito que fará com que o leitor possa ter elementos para que, ao ler minha dissertação, possa compreendê-la e, a partir dela, construir novos significados, é o que mistura a minha história pessoal com minha posição social. Que são os lugares que ocupo e/ou já ocupei, como: filha, família, estudante de escola pública, professora, pesquisadora, autora deste texto. Aqui apresento a forma como construí meu ato narrativo de enunciar um projeto de dizer sobre a pesquisa realizada.

O ato deve encontrar um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e no seu existir; deve encontrar a unidade de uma responsabilidade bidirecional, seja em relação ao seu conteúdo (responsabilidade especial), seja em relação ao seu existir (responsabilidade moral), de modo que a responsabilidade especial deve ser um momento incorporado de uma única e unitária responsabilidade moral. Somente assim se pode superar a pernicioso separação e a mútua impenetrabilidade entre cultura e vida. (BAKHTIN, 2017, p.44)

Partindo dessa responsabilidade moral, apresento-me como a pessoa que está em processo de se constituir pesquisadora ao reabrir os portões da “academia”. Então, como boa filha de

narradores que sou: minha mãe, Fátima, meu pai, Jorge, não poderia ir direto ao assunto sem oferecer recursos para que você possa criar uma imagem de quem narra. Os narradores costumam fazer isso.

Janete Aníbal de Oliveira ou Nete (para os que me conheceram na infância) ou Netinha (para o meu pai). O diminutivo se deu porque eu era muito pequena e magra, de aparência frágil. Filha mais nova de um casal com pouco ou nenhum estudo, mas que sempre viu na escolarização o caminho para que suas filhas tivessem uma “vida melhor”, com menos restrições econômicas.

Meu pai sempre contava muitas histórias e anedotas com muitos elementos: a entonação, os gestos, as vozes diferentes de personagens para dar expressividade à história. Minha mãe também é contadora de histórias, mas tem um estilo mais dramático, enche de detalhes um fato mínimo e faz pausas, respirações, tudo para causar uma enorme ansiedade em quem a ouve. Para ela, é o jeito natural de conversar. Ela me passou os primeiros contatos com as letras com “ba, be, bi,bo,bu” que foi como ela aprendeu.

Éramos bem pobres, no entanto, meu pai recebia doação de livros e materiais escolares que iriam para o lixo, contudo para mim estavam em perfeito estado de uso. Livros não me faltavam e eu os adorava. Aquela coleção antiga da BARSA<sup>9</sup> que tinha só aves, depois só mamíferos, só répteis, só mapas... tudo muito colorido. Eu lia à minha maneira. Era um prazer mexer naqueles livros, parecia que eu estava viajando pelo mundo.

Na década de mil novecentos e noventa,a Educação Infantil não fazia parte da Educação Básica. Existiam as escolas chamadas de Jardim de Infância que atendiam crianças de três a cinco anos e havia as creches. Existiam, também, cuidadores de crianças, locais onde elas recebiam cuidados de alimentação e higiene enquanto as mães poderiam trabalhar, é o que tenho na memória.

O ensino era composto por Primeiro Grau, dividido em primeiro segmento que ia da primeira à quarta séries; e, segundo segmento que englobava da quinta à oitava séries; e o Segundo Grau. Iniciei oficialmente os estudos aos seis anos de idade numa Classe de Alfabetização (CA) de uma instituição privada<sup>10</sup>. Depois, ingressei na rede municipal queimadense e passei por algumas Unidades Escolares por conta de questões de continuidade de “séries” nas unidades.

---

<sup>9</sup> Enciclopédia que servia de livro de pesquisa para atividades escolares.

<sup>10</sup> Em 1992 a Classe de Alfabetização (CA) não fazia parte da Educação Básica.

Houve um ano em que já estávamos em meados de março e eu ainda não tinha conseguido ser matriculada. Foi desesperador para minha mãe, pois sempre fui ótima aluna (não estou querendo me gabar, mas era o que ouvíamos). Com o tempo, minha mãe não ia mais às reuniões porque era sempre para ouvir elogios e ela já sabia que eu ia bem sempre. Nesse ano em questão, ela sofreu porque imaginava que seria muito prejudicial uma menina tão interessada perder a oportunidade de estudar. Minha mãe foi a maior incentivadora de que minha irmã e eu nos dedicássemos aos estudos.

Qual a relevância deste relato? Bem, sou filha de pai analfabeto e mãe com o Ensino Fundamental incompleto, estudante de escola pública, pertencente à camada popular da sociedade, moradora da Baixada Fluminense. Professora por meio do Ensino Médio em Formação de Professores cursado em uma Unidade Escolar Estadual no município de Queimados. A primeira da família a ser professora. A primeira a entrar num curso de graduação. Depois a primeira a ingressar em uma Universidade Federal, a Universidade Federal Fluminense (UFF) na qual cursei três períodos do curso de Biblioteconomia e Documentação. Não concluí os estudos lá, no início do terceiro período recebi um telefonema informando minha convocação para assumir a matrícula como professora no município de Nova Iguaçu e explicando como eu deveria proceder.

O coração parou, senti um frio na barriga. Imediatamente, liguei para minha mãe para contar! Por fim, assumi a matrícula de servidora no Município de Nova Iguaçu. Eu decidi que só seria professora se fosse para atuar na escola pública. Apesar disso, foi muito doloroso largar o curso de Biblioteconomia e Documentação na UFF, já amava tudo, eu estava entre os livros, os periódicos, o tratamento da informação, as possibilidades de suporte de registro da informação... E, há um campo de possibilidades de atuação deste profissional, segundo o *site* UFF, na parte “ONDE ATUA”, temos:

A característica multidisciplinar da profissão garante ao Bibliotecário um amplo campo de trabalho, não só em relação às áreas do conhecimento, seja no âmbito dos órgãos públicos, nas empresas privadas ou na indústria em geral. O campo de trabalho do Bibliotecário, tradicionalmente constituído por bibliotecas (públicas, escolares, infantis, especializadas e universitárias), expandiu-se para atender à explosão editorial e à consequente diversificação de informações essenciais para empresas, instituições de pesquisa, comércio e indústria. O Bibliotecário pode desempenhar suas funções em Bibliotecas, Centros e Serviços de Documentação e Informação, Editoras, Cinematecas, Videoclubes, Emissoras de Rádio e Televisão, Jornais, Assessorias (parlamentares, empresariais, jurídicas, educacionais), desenvolver e administrar Bancos de Dados e Bases de Dados, integrar equipes de manutenção de *Websites*

na Internet ou ainda exercer a profissão como autônomo. <sup>11</sup>  
(COSEAC/UFF)

“*Nunca estamos totalmente perdidos, mas sempre estamos na caminhada.*” (LOPES, 2018, p.18). Nessas caminhadas da vida, vamos abrindo e fechando portas. Algumas portas pelas quais entramos, mesmo tendo que fechá-las e partir, permitem-nos encontros que nos afetam e nos implicam. É clichê, mas nada é por acaso. Este tempo na UFF me afetou, marcou-me e também contribuiu para a formação da pesquisadora que agora estou me constituindo.

Posteriormente, também me tornei professora do município de Mesquita. Foi o adeus final ao curso de Biblioteconomia, em Niterói, que eu ainda tentei conciliar com o trabalho em Nova Iguaçu e morando em Queimados. Finalmente, graduei-me em Letras: Português/Literaturas, pela Universidade Estácio de Sá, conciliando os dois turnos de trabalho e o terceiro de estudos. Ao término da graduação, eu já emendei com a especialização em Educação Inclusiva e depois passei anos sem conseguir abrir um livro de lazer ou escrever qualquer coisa.

Eu era bem jovem, cheia de sonhos e com aquela impetuosidade juvenil de quem quer dominar o mundo. Entretanto, minha mente fez o meu corpo parar, ela já não aguentava o ritmo frenético que eu levava a vida lutando para conquistar uma condição melhor. Não ouvi as vozes ao meu redor nem as internas. Minha mãe dizia: “*Janete, você precisa ter tempo para você, cuidar de você. Você se cobra demais, você não é uma máquina, minha filha! O corpo e a mente precisam de descanso!*” Mães... sempre tão certas! Adoeci!

Uns bons dez anos depois, eu, que tinha o mesmo tempo de tratamento de Depressão e Ansiedade, após longo processo terapêutico, consegui pensar novamente em estudar. Sempre achei que voltaria à academia para fazer mestrado na área de Língua Portuguesa ou Literatura, a última, foi meu grande amor na graduação. Não dei seguimento nesse campo. Houve em mim certo bloqueio e aversão devido às questões de saúde mencionadas.

Aos poucos fui olhando os programas de pós-graduação das universidades para ver o que me interessava e cheguei ao portal da UFRRJ, no qual na linha 1 de pesquisa, encontrei uma professora que estudava infância e linguagem: Flavia Miller Naethe Motta. Fui olhar seu Currículo Lattes, suas produções. Tive coragem e enviei um e-mail perguntando sobre o Grupo de Pesquisas e fui convidada para participar de um encontro.

No dia e hora marcados, via videoconferência, lá estava eu participando do encontro. Ouvindo, prestando atenção em tudo, com vergonha e nervosa porque eu estava dando o

---

<sup>11</sup> Definição retirada do COSEAC/UFF. Disponível em: [http://www.coseac.uff.br/cursos/bibl\\_c.htm](http://www.coseac.uff.br/cursos/bibl_c.htm)

primeiro passo para retornar à “academia”. Abrindo os portões da academia via internet, por conta da pandemia da Covid-19.

Particpei da primeira reunião do Grupo de Pesquisa, via *meet*. Foi falado sobre o texto da Georgete e dos norteamentos para Carol e Ana Alice. Fui adicionada ao grupo de *WhatsApp*. Flávia disse para eu ir com calma. Queimados, 13 de junho de 2020. (Registros da autora)

Fui bem recebida, ambiente acolhedor, pessoas amorosas. Eu não entendia muita coisa e, quando tinha que ler para fazer apontamentos sobre os textos dos colegas, quase sempre falava alguma bobagem e, automaticamente, na minha mente vinha a mensagem “por que você não fica caladinha, amada?” Tentei ficar mais quietinha para não falar besteiras vergonhosas e lutando para entender os textos básicos do autor que é referencial teórico do grupo, Mikhail Bakhtin, conhecido como o filósofo da linguagem.

O ser humano contemporâneo se sente seguro, com inteira liberdade e conhecedor de si, precisamente lá onde ele, por princípio, não está, isto é, no mundo autônomo de um domínio cultural e da sua lei imanente de criação; mas se sente inseguro, privado de recursos e desanimado quando se trata dele mesmo, quando ele é o centro da origem do ato, na vida real e única. (BAKHTIN, 2017, p.69-70)

Aos poucos fui sendo cobrada pela coordenadora a participar falando e me empenhando. Fui tentando perder a vergonha de falar via *smartphone* ou *notebook*. Essa mediação via aparelho conectado à internet trouxe de volta a minha timidez da infância. Quando me formei professora, criei um mecanismo para conseguir falar em público, mas nunca imaginei que teria trabalho para lidar com a timidez de falar por meio do eletrônico digital. A pandemia da Covid19 remodelou o modo de praticar as atividades do grupo de pesquisa e de se relacionar no período de isolamento social. Foi difícil me adaptar a utilizar o ciberespaço para a educação formal tendo em vista que a internet era um espaço mais de entretenimento.

Abriu o processo de seleção para a turma de Mestrado do ano de dois mil e vinte e um (2021). Era a chance de tentar um retorno oficial! E vamos de lutas para romper os bloqueios adquiridos após a graduação. Eu achava que nunca mais conseguiria estudar, atividade que eu sempre me dediquei e gostei muito. Achava que a depressão e a ansiedade seriam empecilhos

para este retorno. E foram inúmeras as vezes que me organizei para investir nesta formação: nunca tinha ido adiante. O final da graduação foi extremamente exaustivo e desconfortável.

No entanto, eu me inscrevi no ano de 2020 no processo de seleção de Mestrado em Educação da UFRRJ. A princípio, a intenção era falar sobre o processo de alfabetização durante o isolamento social por conta da pandemia. Foram feitas muitas leituras e releituras, muito desespero e insegurança, contudo eu escrevi um projeto de pesquisa que foi aprovado com nota máxima. Eu acreditava que o projeto sendo aprovado, a parte da entrevista seria a mais fácil, afinal eu falaria de um texto que eu escrevi. Ledo engano!

Na entrevista, eu fiquei apática, fui muito objetiva e rasa em minhas respostas. Foi assustador falar com pessoas desconhecidas, com exceção da Coordenadora do Grupo de Pesquisa, não conhecia as demais professoras. O constrangimento, a insegurança de falar via videochamada me limitaram. Quase não passei, mas passei! Ufa! Que felicidade! Entrei pelas *portas* da academia!

#### A PORTA

Queimados, 2022

Eu sou feita de madeira  
Madeira, matéria morta Mas  
não há coisa no mundo  
Mais viva do que uma porta.

Eu abro devagarinho  
Pra passar a menininha  
Eu abro bem com cuidado  
Pra ela passar para o mestrado  
Eu abro bem prazenteira  
Pra entrar a menina guerreira  
Eu abro de supetão  
Pra ela entender que agora é ação.

Só não abro pra essa gente  
Que diz (a mim bem me importa...)  
Que se uma pessoa é burra É burra  
como uma porta.

Eu sou muito inteligente! Eu  
fecho a frente da casa

Fecho a frente da escola  
Fecho tudo nesse mundo

Só vivo aberta para as perguntas e  
respostas!

Que Vinícius de Moraes perdoe meu  
atrevimento, ao pegar o seu poema  
e parodiar o meu momento.

**Janete Aníbal**

Os primeiros meses do mestrado foram muito estressantes. Estudamos remotamente. Muitas leituras, muitas tarefas, conciliação com o trabalho, inúmeras dificuldades, muitas portas se abrindo... eu me perguntava se eu deveria mesmo estar ali, entrando pelos *portões* da “academia” quando parecia que eu nem tinha sido alfabetizada porque eu tive que fazer um grande esforço até conseguir entender alguma coisa.

Com o passar do tempo, eu conseguia ler “Para uma filosofia do ato responsável”<sup>12</sup> sem ter vontade chorar ou sensação de desespero. As coisas começavam a fazer algum sentido e novas passagens iam surgindo. Eu ia tendo boas sensações de aprendizagem e picos de desespero. Confesso, porém, que muito me aliviou, numa das leituras que fiz encontrar tal enunciado de Miotello, um grande estudioso de Bakhtin:

Eu aconselho vocês a ler o livrinho “Para uma filosofia do ato responsável”, porque acho que é um livro fininho, tem um artigo do Ponzio antes, um artigo do Faraco depois. Gostoso de ler, nada que em três, quatro anos, a gente não compreenda, né? [Risos]. Acho que é tranquilo. É supersossegado. (MIOTELLO, 2018, p.58-59)

Ninguém disse que seria fácil retornar à vida acadêmica, entretanto eu não poderia imaginar que aquela menina que sempre teve facilidade para aprender e se desenvolveu muito bem nos estudos um dia enfrentaria tamanha dificuldade. Dentre as coisas que a depressão me tirou, a segurança e o acreditar no meu potencial intelectual foram as mais doloridas. No entanto, perceber que essa dificuldade não era só minha e que faz parte do processo de se formar pesquisadora, fiquei mais amorosa comigo mesma.

---

<sup>12</sup> BAKHTIN, M. M **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

Miotello, no livro “Para uma escuta responsiva: a alteridade como ponto de partida<sup>13</sup>”, traz um elemento ainda mais importante para eu suavizar meu processo: o processo, a pesquisa, o trabalho são meus, eu que lute! [Risos]. Ele diz o seguinte, sobre seus orientandos:

... e ele vai se virando, a escrita é dele, ele que tem que garantir, ele que se vire, eu não. “Ai, tenho um nome a zelar”. Eu não tenho nome nenhum a zelar! Se o trabalho deu errado, a responsabilidade é dele, vamos pra banca e vamos apanhar todo mundo junto, quem mandou fazer uma porcaria dessa? Não fui eu. Quem tem que garantir é ele, ele é que vai apanhar, não sou eu. Eu estou junto, eu estou tentando segurar a barra, mas é o aluno que tem que fazer aquele trabalho bem feito, é ele que tem que escrever, é ele que tem que testar junto dos colegas, nos grupos, nos eventos e tal. (SCHERMA, OLIVEIRA, GUARDA, et. al Orgs. 2018, p.63-64)

Tenho certeza de que minha orientadora me disse isso, e, tenho ainda mais certeza de que eu não fui capaz de entender claramente! Há em mim algumas dificuldades de sair da caixa. Passamos tanto tempo sendo “enformados” para caber no igual, criamos expectativas. Embriagada pelas emoções, percebi-me perdida: *Perdida? Se há caminhos, há entradas; se há entradas, há saídas.* (LOPES, 2018, p.18). De acordo com Miotello, “Porque o diferente bate na gente, me desapronta, me altera” (MIOTELLO, 2018, p.34).

Flávia, minha orientadora me alterou, bateu com força quando disse num dos nossos encontros de GP em que eu recebia os apontamentos do grupo sobre a minha escrita: “*A Janete parece que está num labirinto. Começa e não termina. Fala pouco*”. Como diria Maysa, a cantora, “Meu mundo caiu”! Por que ela não me disse isso claramente em nossas trocas de texto? Será que disse e eu não percebi. Sutileza às vezes não me afeta, sou literal demais para compreender algumas.

O fato é que este movimento de alteridade foi magnífico, levou-me a liberdade. Liberdade de pegar e fazer sem ficar pensando se está certo ou errado, que caminho seguir, se vou ou não decepcionar a orientadora. Liberdade para fazer o meu caminhar enquanto pesquisadora. Doeu?

Sim! Mas qual desenvolvimento não é doloroso? E, o processo de ser uma pesquisadora bakhtiniana é justamente entender que vida, arte e conhecimento andam juntos, que devo construir com meus pares, com meu grupo de pesquisa, num movimento de destruir e construir.

Assumir meu ato responsável de ter entrado num grupo de pesquisa bakhtiniano, porque o

---

<sup>13</sup> Registro da fala de Miotello realizada em Aula Inaugural do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul. (2018)

jeito de fazer pesquisa que seguimos é o das Ciências Humanas, em que pesquisamos com o sujeito. Logo, o pesquisador não pode achar que sua posição também não se altera indo por este viés. É um jeito outro de fazer pesquisa, é um jeito outro de ser pesquisador. Trabalhamos com a escuta responsável e responsiva das vozes dos sujeitos envolvidos e que se encontram, conseqüentemente, não caberia aqui uma orientação do tipo cartesiana, no padrão das Ciências Naturais. Pois:

Para Bakhtin, é na relação com a *alteridade* que os indivíduos se constituem. O ser se reflete no outro, refrata-se. A partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera, constantemente. E esse processo não surge de sua própria consciência, é algo que se consolida socialmente, através das interações, das palavras, dos signos. Constituímos e nos transformamos sempre através do outro. (GEGe, 2009, p.8-9)

Acho que compreendi o significado de alteridade em Bakhtin: no encontro com o outro, sendo afetada por sua voz, seu enunciado, que causa em mim um desconforto, eu me altero. Além dos *portões* da academia, eu tive que abrir algumas *portas* -internas, mentais -para conseguir ouvir as vozes que me constituíram e estão me constituindo enquanto ser humano, professora, pesquisadora e narradora deste trabalho de pesquisa.

Uma das vozes que ouvi foi a da Fernanda, minha irmã. Conversei com ela sobre o quanto eu estava angustiada e frustrada por não conseguir evoluir na escrita do texto para a qualificação. Apesar de ter focado todo o meu tempo fora do trabalho para, exclusivamente, dedicar-me ao mestrado, parecia que nunca era o suficiente e que eu estava mesmo num labirinto. Minha ansiedade em superar esta etapa não estava contribuindo muito! Conversávamos via *WhatsApp* e ela mandou-me um áudio, segue a transcrição dele:

*Nanda: - Então, eu acho que você tem que terminar. Mas quando você fica muito abitolada tentando terminar, você não consegue, você não flui. Porque você precisa de descanso, de imaginação. Acho que quando você dá uma respirada e volta, você consegue fluir mais. Mas cada um sabe o que é melhor para si. Só que teu ritmo é esse: respirar, dar uma volta. Mas você não entendeu ainda isso, tranquilo!(Arquivo da autora, dezembro, 2022)*

Quando eu terminei de ouvir o áudio, imediatamente, veio a minha mente “excedente de visão”! A Nanda acabara de me dar um acabamento que eu, do meu lugar, não conseguia ver: eu preciso do ócio para que minhas ideias se processem! Em Bakhtin, temos que:

O excedente de minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim; tais ações completam o outro justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se. Essas ações podem ser infinitamente variadas em função da infinita diversidade de situações da vida em que eu e o outro nos encontramos num dado momento, mas em toda parte e em quaisquer circunstâncias esse excedente do meu ativismo existe e sua composição tende a uma constância estável. (BAKHTIN, 2011, p.23)

Então, naquele dia, eu tomei um banho, coloquei uma roupa e fui ao shopping, pois precisava sair de casa depois de dias de isolamento por conta de ter testado positivo para Covid. Mesmo arrastando-me, fui. Passei pela *porta* de uma loja de departamentos, pois eu adoro ver coisas de casa. Porém, quase nunca compro nada porque fico pensando que é mais uma coisa para cuidar, guardar. Encontrei ou fui encontrada pelos seguintes quadrinhos de decoração:

Imagem 1: Quadros decorativos



Fonte: Acervo da autora

Ouvi a voz de Bakhtin lembrando-me que o significado da vida se constitui a partir do cronotopo <sup>14</sup> em que estamos inseridos. Segundo ele, arte, vida e conhecimento são indissociáveis. E eu concordo com ele. Foi preciso voltar a um ato comum da vida para que o

<sup>14</sup> Refere-se à noção de tempo-espaço da realização do ato. Conceito mais bem definido no próximo capítulo.

conhecimento se assentasse dentro de mim e eu conseguisse continuar a minha criação, minha arte.

Uma vez que:

Para além da dimensão dialógica, o jeito cartesiano de pensar ciência não combina com as ciências humanas, pois há uma ruptura entre arte, vida e conhecimento (estética, ética e epistemologia). E, esse jeito cartesiano teria excluído a arte e a vida do fazer pesquisa, que para Bakhtin são indissolúveis. A ciência assim concebida se propõe impessoal, estéril, neutra e não expressa o sujeito que existe na pesquisa, não considera o diálogo que acontece entre os sujeitos que a envolvem, o sistema é objetificado. (MOTTA, OLIVEIRA, 2022, p.199)

E assim eu percebi que, para dar continuidade ao meu estudo, não poderia desconsiderar a tripla dimensão da cultura – arte, vida e conhecimento! Menos ainda, poderia, coisificar-me como se eu não fosse também sujeito na pesquisa, uma voz, uma consciência que também tece o diálogo que aqui construo: conversa com os autores que li, com familiares com quem me relacionei, com meus pares, com o cronotopo em que tudo isso foi construído.

No próximo capítulo, apresento a fundamentação teórica deste trabalho falando sobre a linguagem em Bakhtin, a mediação em Vigotski e outros elementos que estes estudiosos partilharam com o mundo durante suas vidas.

## 2 - ENTRANDO PELOS PORTÕES DAS CIÊNCIAS HUMANAS – REFERENCIAL TEÓRICO

*Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou. Assim, tudo é regido pela dialética, a tensão e o revezamento dos opostos. Portanto, o real é sempre fruto da mudança, ou seja, do combate entre os contrários. (HERÁCLITO)*

O título da pesquisa **“Ensino Remoto Emergencial no cronotopo pandêmico: entrando pelos portões das casas para conversar com as famílias”** demarca um tempo, um espaço e a metodologia desenvolvida neste trabalho. De antemão, aviso que em outro capítulo discorro melhor sobre o Ensino Remoto Emergencial, sobre as famílias e a contemporaneidade, que são temas que compõem o contexto das relações dialógicas que vão sendo tecidas.

Esta é uma pesquisa das Ciências Humanas e que se desenvolve pelo viés da Heterociência, que é um outro jeito de fazer ciências diferente das Ciências Naturais. Visto que:

Duas consequências da adoção de uma perspectiva teórico metodológica bakhtiniana revelam-se no modo mesmo de pesquisar, no fazer metodológico e forma escolhida para a escritura do texto decorrente da pesquisa. Não trata de fazer ciência “sobre” o objeto, mas sim “com”. Com o sujeito, que interage no mundo por meio da linguagem. Na relação dialógica o "outro" é um centro de valor e é o outro que me provoca a entrar na conversa. Já nascemos falados pelo outro na linguagem. O fluxo dela me antecede. Ela me desorganiza, me movimenta e me constitui enquanto humano. (MOTTA, OLIVEIRA, 2022, p.201)

Portanto, partindo desta perspectiva de fazer ciência com o sujeito participante do estudo e não sobre ele, busquei alguns conceitos para construir o diálogo teórico com a experiência<sup>15</sup> do período de isolamento nos anos de dois mil e vinte e uma parte de dois mil e vinte um, em que as atividades escolares ocorreram de modo remoto. Sendo assim, este projeto de dizer considera a perspectiva histórico-cultural para compreendermos as relações dialógicas e dialéticas que se

---

<sup>15</sup> Conceito definido de acordo com a teoria vigotskiana no penúltimo item deste capítulo.

formaram durante o isolamento social entre os sujeitos da pesquisa, os teóricos, o cronotopo e o leitor.

Dos conceitos necessários para o entendimento da pesquisa e construção deste texto, tem a perspectiva histórico-cultural. Defino aqui a perspectiva histórico-cultural como o modo de enxergar o desenvolvimento da humanidade enquanto organismo social que foi construindo uma memória coletiva das aprendizagens e que ao mesmo tempo em que desenvolve também é reelaborada, ressignificada a partir das interações ocorridas em agrupamentos humanos dentro de um certo contexto e momento que afetam a natureza, a vida e, simultaneamente, são afetados por estas alterações, construindo uma relação bilateral, alteritária, dialética e dialógica.

Pino (2018) afirma que o homem nasce socialmente sendo parte de uma camada social, de uma nacionalidade em um dado tempo, seu nascimento não é apenas biológico. “O homem é, ao mesmo tempo, origem e resultado do seu encontro da natureza e da cultura que ele mesmo operou”. E ainda:

Vale lembrar que as teses de Vygotsky que inspiraram essas reflexões situam-se no contexto do materialismo histórico e dialético, na linha de Marx e Engels, em que a emergência da consciência é um fenômeno historicamente situado e ligado à atividade criadora do homem. A consciência entendida não como uma entidade, mas como uma função semiótica – Bakhtin a identifica como signo - , surge no distanciamento do homem da natureza da qual faz parte, mas sem abandonar sua condição natural, o que lhe permite fazer dela objeto da sua ação técnica e simbólica. (PINO, 2018).

Outros conceitos bakhtinianos e vigotskianos importantes para esta dissertação como vivência, experiência, polifonia, plano estético, linguagem e mediação explicarei em seus respectivos subitens. Por agora vou falar sobre ação técnica e simbólica que chamamos de linguagem. Temos então “a linguagem como espaço de recuperação do sujeito como ser histórico e social”, (JOBIM E SOUZA, 1994 p.93). Sujeito este que produz enunciados que sempre são orientados para um outro. Enunciados que produzem a interação verbal entre os sujeitos e formam um fenômeno social que vai além de uma simples decodificação linguística. Pois, “Existem sempre modos muito diferentes de falar, muitas linguagens refletindo a diversidade da experiência social.” (JOBIM E SOUZA, 1994, p.97)

Para Vigotski o conhecimento é produto da inter-relação, logo a pesquisa se insere nesta mesma lógica, trata-se de um processo social que é compartilhado entre aqueles que dela participam. O pesquisador se insere no campo, transforma-o e é por ele transformado e essa interação

constitui-se em objeto de análise. O particular, na perspectiva sociocultural, é uma instância da totalidade. Compreender os sujeitos envolvidos na situação é uma possibilidade de interpretação do contexto. (MOTTA, 2013, p.63)

Interação pode ser entendida como a ação, o ato que acontece entre dois sujeitos. Nos estudos realizados sobre estes dois pensadores, encontramos esta palavra se apresentando ora de interação verbal, ora interação social. E, apesar de talvez parecer que interação seja um termo do senso comum, nele temos impregnado tanto o que Bakhtin quanto Vigotski têm de mais relevante em suas teorias: a linguagem e o social, respectivamente.

Longe dos interesses desta pesquisa querer banalizar estes conceitos, ao contrário. Os estudos, a pesquisa, a qualificação e demais vivências contribuíram para o entendimento concreto de que todo conceito é prenhe de marcas ideológicas e escolhas político-pedagógicas. Então, tendo a linguagem como base, enuncio a seguir sobre as contribuições conceituais de Bakhtin e Vigotski. A respeito dos conceitos do primeiro, discorro sobre linguagem, cronotopo, excedente de visão, exotopia, alteridade, polifonia, dialogismo e plano estético. A respeito dos conceitos do segundo, exponho sobre linguagem, sentido e significado, construção de conceitos e mediação. Este último, de grande relevância para a construção das análises da pesquisa.

### **– Bakhtin: o filósofo da linguagem**

A primeira vez que eu ouvi falar sobre Bakhtin foi quase ao final da graduação em Letras, em alguma disciplina de Literatura. Estudei sobre o Formalismo Russo<sup>16</sup>, porém nada sobre Bakhtin. O que eu ouvi foi: “ele fala sobre análise do discurso. Isso você pode fazer alguma especialização depois...” Quando entrei no GEPELID, atraída pela possibilidade de aliar a minha experiência pedagógica com a minha licenciatura por meio da linguagem, havia outras colegas que tinham cursado Letras, porém em Universidades Públicas. Elas conheciam Bakhtin desde suas graduações.

---

<sup>16</sup> Estudiosos que defendiam o estudo da linguagem literária por meio de um método científico.

Para minha surpresa, quanto mais eu participava do grupo e lia os textos-base sobre a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, mais eu ficava indignada de não tê-lo estudado na graduação. A meu ver, essa situação revela uma estrutura do sistema educacional: enquanto na universidade particular eu recebi acesso apenas ao que era formalmente consolidado, encaixotado dentro de uma demanda industriosa de ensino; na universidade pública, minhas colegas aprenderam sobre a forma “encaixotada” e sobre a forma “subversiva” do formalizar o ensino de um curso de Letras.

Fiquei me questionando sobre uma tentativa de apagamento de um ensino embriagado de ideologia marxista, ainda nos anos de dois mil e nove a dois mil e doze, ser evitado numa universidade num curso de formação de professores. Que objetivos e interesses estavam no plano de fundo dessa escolha? Isso pode ser pauta para um outro momento. Vamos ao que interessa agora, no presente, a minha pesquisa de mestrado e ao meu desenvolvimento enquanto pesquisadora.

Dia desses estava conversando com uma conhecida que acabou de se formar na graduação na área da saúde e começamos a falar sobre formação. Conteí da minha experiência para voltar a estudar e fazer o mestrado. relatei que, quando me formei na graduação, queria seguir a área de Linguística, no entanto, com o passar dos anos, achei melhor entrar no mundo da pesquisa utilizando o meu lugar de fala, o meu fazer diário que envolve bem mais a Pedagogia que os estudos em Letras. Afirmei que, apesar de ter seguido este caminho, estava num grupo que não me distanciava tanto do caminho pensado quando fiz Letras: meu grupo fala sobre linguagem!

E, de repente, ela me olhou e questionou: “ah, você que é do grupo do pessoal que quer implantar o pronome neutro?” Num primeiro segundo eu tive que parar para refletir sobre a indagação e respondi assim:

*- Olha, eu não tenho propriedade para falar sobre o assunto. Mas acredito que se há um movimento de reivindicação é porque para algumas pessoas isso é importante! O Grupo de Pesquisa que eu faço parte tem como referencial teórico o conhecido como filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. Para ele a linguagem nos torna humanos e é através da nossa relação com o outro que nós nos constituímos, nos alteramos. Antes mesmo de nascermos já somos enunciados através da linguagem no mundo. A linguagem reflete e refrata o contexto em que está inserida, ela é materializada por meio do enunciado que possui elementos verbais e/ou extraverbais. É no encontro comigo e com o*

*outro que eu, dialogicamente, realizo meus atos responsivos e responsáveis. Nesse encontro, eu me altero e te altero.*

*Nós estamos aqui nesta conversa, e, o que estamos vivendo, mesmo que a gente não perceba, estamos nos alterando, nos afetando. O que eu te digo e o que você me diz, a partir desse lugar e momento que estamos, o que estamos conversando, nossos gestos, posturas, nossos pensamentos: são nossos atos responsivos e responsáveis acontecendo num fluxo contínuo! Mesmo que a gente se encontre novamente aqui nesta sala, no mesmo horário construiremos atos diferentes dos de hoje. E quando lembrarmos desse dia e dessa conversa, serão despertados em nós outras alterações e afetações, pois pensaremos nesse encontro de outra posição: exotopicamente, ou seja, observando o ato concreto, vendo-o fora dele, como um espectador.*

Este breve relato de um encontro na vida revela, a meu ver, duas questões importantes: a associação simplista da linguagem limitada a noções gramaticais e o não entendimento de que a reivindicação do uso do pronome neutro revela que a linguagem está sempre em movimento e em transformações conforme as mudanças sociais. Ou seja, a linguagem é o resultado das atividades e das relações humanas. Ela se desenvolve coletivamente e continua a se desenvolver conforme as atividades humanas se transformam. Ela é produto e causadora de transformações sociais.

A linguagem é o meio pelo qual nos comunicamos, relacionamo-nos com o outro. Ela desenvolveu-se na coletividade, faz parte do desenvolvimento social da humanidade e pode realizar-se por meio de gestos, pinturas, palavras, expressões faciais etc. Para Bakhtin a unidade básica da linguagem é o enunciado. Segundo Bakhtin, os enunciados são atos únicos e irrepetíveis que acontecem dentro de um cronotopo (tempo e espaço) constituindo assim a enunciação, a ação de enunciar.

Cronotopo: um conceito bakhtiniano importante! Explicando-se o significado dessa palavra de forma tradicional, é aquela que segmenta o conhecimento para então compreender o todo, podemos dizer que CRONO se refere ao tempo e TOPO refere-se ao espaço. Sendo assim, CRONOTOPO, literalmente, seria tempo e espaço. Que juntos, em Bakhtin, englobam o sentido de um tempo e um espaço, que é físico, é social, é histórico, é cultural. Que formam a situação contextual dos atos e da construção de seus enunciados.

Cronotopo é um conceito utilizado por Mikhail Bakhtin (2011) relacionado à unidade tempo/espaço. Albert Einstein já utilizava, em 1905, o termo cronotopo para se referir à teoria da relatividade geral e a noção de espaço-tempo presentes na física e na matemática, como uma grade de coordenadas. Posteriormente, Bakhtin passou a utilizar o mesmo termo em seus estudos literários, interrelacionando-o às dimensões espacial e temporal do fato escrito: —no cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. (1998, p. 211) Assim, cronotopo passa a ser uma categoria de análise estética empregada pelo autor na literatura, sobretudo nos romances. (SOUZA, 2020, p.104)

Sendo assim, o cronotopo constitui parte da construção do sentido do enunciado porque tempo-espaço é carregado de outros enunciados, outras vozes que se conectam com seus sentidos originando outros sentidos. Os sentidos só podem ser construídos no encontro com outros sentidos, constituindo assim o seu lado irrepetível e único que responde um enunciado anterior e provoca enunciados posteriores de forma responsiva. Responsiva porque todo enunciado provoca uma resposta ao enunciado anterior.

Um mesmo enunciado pode, dependendo do cronotopo em que foi realizado, constituir sentidos diferentes. O enunciado não é a simples construção verbal de uma frase ou oração que contém elementos gramaticais e sintáticos a serem analisados. Longe disto, ele é formado por gestos, entonação, linguagem verbal ou não verbal dentro de um dado contexto. São realizados por um sujeito situado dentro de uma dada situação em que ocorre a bricolagem do sujeito enquanto indivíduo subjetivo, ser biológico e a sua situação social e histórica concreta.

O sujeito não se limita a uma pessoa, o sujeito em Bakhtin é uma composição a partir das categorias de gênero, classe social/ econômica, representante de uma ideologia que interage verbalmente com outros sujeitos. Ele, o sujeito bakhtiniano, estabelece relações dialógicas de construções de sentido a partir das combinações do “eu-para-o-outro”, “eu-para-mim” e “o-outro-para-mim”.

Tudo que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim. (BAKHTIN, 2011, p.375)

Assim, estabelecemos a nossa primeira versão de nós mesmos por meio do acabamento que o outro nos dá por meio do excedente de visão<sup>17</sup> que ele faz através do que enuncio ou enunciam sobre mim. Isto é, o outro pode me ver por completo e dentro de um dado recorte cronotópico, pode dar-me um acabamento provisório. Isso compõe a relação “eu-para-o-outro” em que o outro do seu lugar, a partir de um dado contexto ao ver-me como sujeito em imagem e/ou enunciado pode ter uma visão global de mim que eu jamais conseguirei ter. Pois até quando eu me olho no espelho o que meus olhos veem são o reflexo de uma imagem de mim e não eu como um todo.

Na combinação dialógica “eu-para-mim”, o que sou para mim é o que eu vejo de mim num exercício de exotopia. Ou seja, eu me olho de fora de mim, e quando faço isso deixo de ser eu para ser o outro que olha para mim, construindo uma relação dialógica de eu e tu comigo mesma. Eu mesma sendo eu não posso me dar um acabamento provisório. O que eu tenho sobre mim são pensamentos sobre quem eu sou. Mas o ato de enunciar quem eu sou só me é possível quando eu me transmuta em outro em relação a mim mesma e me vejo num dado contexto cronotópico e torna-se possível enunciar um acabamento único, irrepitível e provisório.

Em “*O homem ao espelho. Apontamentos dos anos 1940*” o filósofo da linguagem aponta que falar sobre o outro lhe dando um acabamento definitivo mortifica o homem e revela uma força violenta da palavra em relação a imagem deste. Então, na combinação “o-outro-para-mim” estabelecemos uma relação de alteridade em que, simultaneamente, o outro me altera e me constitui, me dá sentido e eu também altero o outro.

Essas combinações relacionais acontecem no encontro das consciências dos sujeitos como agentes do ato, que sempre pressupõe um eu e um tu. Cada sujeito que enuncia alguma coisa o está fazendo em resposta a outro enunciado feito pelo outro ou por ele mesmo formando uma infinita cadeia de enunciados. Estes sujeitos que compõem a enunciação são chamados de interlocutores e essas combinações relacionais de interação verbal.

Poderemos chamar de interação verbal a atividade de comunicação utilizando a linguagem e realizada dialogicamente entre sujeitos, entre enunciados, entre sujeitos e enunciados que podem se relacionar num tempo presente ou num tempo passado com o tempo presente. Por exemplo, temos esta pesquisa, quando interajo com os sujeitos da pesquisa, estou falando num tempo presente, equando elaboro este texto, estou interagindo com os enunciados dos teóricos do

---

<sup>17</sup> Conceito tratado no capítulo 1.

passado e os conectando com os enunciados da minha pesquisa. Na interação verbal, temos o interlocutor, aqueles que fazem parte do diálogo, e o locutor, aquele que produz o diálogo.

Diálogo tem como sinônimo a palavra conversa. Dialogicamente significa que existe uma relação bilateral entre os interlocutores, aqueles que enunciam, um eu e um tu. Ora um fala, ora outro responde ao enunciado ou elabora um novo. Dialogismo então pode ser pensado como uma forma de se comunicar que envolve a linguagem e que envolve a escuta. A dialogicidade pode acontecer inclusive nas conversas que temos mentalmente, por meio das vozes que nos constituem. Essas vozes que nos constituem Bakhtin chama de polifonia. SEIDEL(2022) afirma que:

... a polifonia instaura uma equipolência de vozes e coloca em diálogos distintos pontos de vista sobre um mesmo acontecimento, para que a personagem chegue a sua própria verdade, o só ocorre na interação com as outras personagens. (SEIDEL, 2022)

O conceito de polifonia vem dos estudos que Bakhtin realizou sobre a obra “Problemas da poética de Dostoiévski” em que ele aponta que o autor deixa de exercer uma função monológica na estruturação do romance e passa a apresentar as vozes das personagens de forma que elas passam a ter uma própria direção e inacabamento. Ou seja, a personagem deixa de ser um objeto pronto, acabado pelo autor e passa a ter voz. Muda-se a postura do autor de monológica para a polifônica.

Trazendo para esta pesquisa, ratifico, que a pretensão aqui parte da postura polifônica que envolve os sujeitos que a abrangem: a pesquisadora, a autora, os familiares que são os sujeitos da pesquisa, os referenciais teóricos, a banca e os leitores presumidos. Sendo a linguagem nosso principal fio condutor de desenvolvimento. Pois:

É pela linguagem que nos conectamos com os outros. Seu fluxo nos antecede e é por meio dela que se estabelecem significações, a construção cultural que nos altera. A linguagem nos humaniza, pois, a palavra é uma interface do pensamento. Representar as coisas nos permite nos mover no espaço e no tempo. Ter uma história, narrá-la e aprender com as gerações que nos antecederam. Quando a gente entra no mundo já existem as palavras e suas significações, no contato com o outro começamos a elaborar nossos enunciados já que poucas falas são inaugurais. Ao mesmo tempo a língua é viva e se faz no ato mesmo de enunciar. (MOTTA, OLIVEIRA, 2022, p.202).

A enunciação, o ato de enunciar, realizada pelo sujeito no mundo, na vida, possui um contexto. O contexto do ato é aquele em que o ato é concretamente vivido de forma única e irrepetível. Todo ato tem um conteúdo que possui uma significação e um tema; a significação está para o elemento repetível e o tema para o elemento irrepetível do ato concreto. O significado da enunciação ocorre numa “arena de disputas” dialógicas entre os sujeitos envolvidos no ato da interação verbal, por meio da linguagem.

Bakhtin vem contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa porque considera arte, vida e conhecimento indissociáveis. A atividade estética, ou seja, a produção enunciativa do ato, do existir, não registra o evento, mas a história sobre o evento. Ela não dá conta de ser o ato, o existir. Seu produto é o ato histórico de uma ativa percepção estética, ou seja, a estética é a produção enunciativa de um evento singular em dadas circunstâncias observada por um espectador.

No caso em questão, ora sou a pesquisadora, ora sou leitora, ora sou a autora responsável pela elaboração do plano estético da pesquisa. Chamamos de plano estético a forma que o autor decide estruturar seu projeto de dizer sobre sua pesquisa. Isto inclui não apenas a forma estrutural da escrita da dissertação, sobretudo o que a pesquisa como um todo se configura esteticamente.

Passemos ao conceito de mediação em Vigotski para também fundamentar este texto teoricamente com o conceito de mediação e outros que contribuem e se relacionam com algumas ideias de Bakhtin.

### **– VIGOTSKI: o psicólogo da mediação**

Conheci Vigotski no curso de Formação de Professores nas aulas sobre o desenvolvimento infantil e de Psicologia da Educação. Lembro-me que daquela época o que melhor ficou guardado em minha memória a respeito desses estudos foi a tal zona de desenvolvimento proximal, que apontava que na relação com o outro havia mais possibilidades de aprendizagem que individualmente. Logo, trabalhos em grupos eram mais enriquecedores que trabalhos individuais.

Anos se passaram e eu volto ao Vigotski, dessa vez para compreender a linguagem pela sua perspectiva e o conceito de mediação para compor a minha pesquisa de mestrado e, conseqüentemente, minha dissertação. Em meu exame de qualificação, a Professora Márcia Plestch disse a Flávia, minha orientadora:

- Você sabe que tem mais conceitos de Vigotski que de Bakhtin a serem trabalhados! A Professora estava certa! O psicólogo Russo que conheci na época do curso Normal foi muito superficial. E, mesmo neste momento de escritura de dissertação, percebo o quanto ele tem a contribuir para a minha formação docente e o quanto eu ainda preciso me dedicar às leituras de seus textos e dos textos que enunciam e dialogam com suas pesquisas.

Não contribuí apenas com o seu conceito de mediação e seus escritos sobre a linguagem. Mas também sobre a perspectiva histórico-cultural, o desenvolvimento da mente, a construção do significado, os conceitos de vivência e experiência. Aliás, antes da qualificação, eu usava estes conceitos a partir do senso comum. Após a qualificação e a partir de inúmeras leituras dos textos de Vigotski e textos sobre seus textos, eu compreendi claramente o que a Professora Márcia disse no meu exame de qualificação: “estes conceitos são muito caros para serem usados assim” (sem uma explicação mais elaborada).

Comecei lendo “A formação social da mente” (2007) em que se aponta que ele incluiu a cultura como parte do desenvolvimento humano. Estudos fisiológicos e naturais contribuíram para o desenvolvimento da psicologia. A princípio, o comportamento humano era o foco do estudo e a consciência não tinha relevância. Em dado momento, a psicologia ficou dividida entre ciência natural e ciência mental. Vigotski incluiu a cultura como parte do desenvolvimento humano. O pensamento vigotskiano foi influenciado pelas ideias marxistas. Para ele a fala tem um papel fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas, ela permite o planejamento da ação. Existe a fala social (externa) e a fala egocêntrica (interna). Conforme aumentam as dificuldades em resolver um dado problema/ questionamento, aumenta o uso emocional da linguagem. É esta que distingue as crianças dos outros animais. A fala é um instrumento que influencia outras funções do organismo, como no campo sensorial. Ela pode ser socializada (externa) ou interior (egocêntrica) e exerce função emocional, planejadora, interpessoal e influencia outras funções cognitivas.

A linguagem humana se desenvolveu para realizar a comunicação entre os sujeitos e por meio de uma troca social. Os gestos, os sons, a fala têm significado de representação para a comunicação. A representação objetiva é o que dá forma a linguagem humana, como os

utensílios ou métodos para transmitir conhecimentos entre as gerações, os desenhos que representam algum tipo de atividade ou são apenas uma decoração. Chama-se *intelecção* a capacidade de analisar e criar soluções para que o utensílio ajude a alcançar o objetivo. O significado de uma palavra forma-se a partir do pensamento e da linguagem. A unidade do pensamento verbal ocupa-se do aspecto interno da palavra, ou seja, seu significado.

A linguagem em Vigotski possui duas funções primárias: a comunicação e a permuta social. Nos animais não humanos, ela tem um teor afetivo, instintivo e emocional. Já no ser humano, ela tem a capacidade de tentar conscientemente informar e influenciar o outro. A linguagem humana não depende do som ou do meio de expressão, mas sim de seu uso funcional dos signos exigindo operações intelectuais. O balbuciar das crianças já configura uma forma de linguagem pré-desenvolvimento do pensamento que exprime meios de contato social.

Quando pensamento e linguagem se fundem, dão origem a uma nova forma de comportamento. Isso acontece quando a criança descobre que todas as coisas têm um nome. Pensamento e linguagem possuem origens biológicas diferentes. Logo o pensamento possui uma fase pré-linguística e a linguagem uma fase pré-intelectual. Quando se fundem, manifesta-se o pensamento verbal e a linguagem racional. A linguagem não pode ser descoberta sem o pensamento. Podemos dizer que nem toda linguagem é uma atividade intelectual como, por exemplo, a linguagem emotiva. O pensamento verbal é um processo sócio-histórico.

Os signos possuem uma origem social. Possuímos dois tipos de memória: a natural, sem mediação em que fixamos as impressões materiais; e a memória social acumulada por meio do desenvolvimento humano. Este desenvolvimento parte de uma origem biológica unida a funções psicológicas superiores de origem sociocultural.

De acordo com a teoria do autor, o nível inicial de desenvolvimento apresenta um aspecto elementar, enquanto os níveis superiores de desenvolvimento são formas mediadas de comportamento que formam os sistemas psicológicos de transição: são biologicamente dados e culturalmente recebidos. A cultura foi incluída como parte do desenvolvimento humano por Vigotski, nos estudos de Psicologia. Antes, apenas os estudos fisiológicos e naturais contribuía para o avanço dos estudos nesta área, o comportamento era o foco da análise e a consciência não tinha importância. Existia uma separação entre ciência natural e ciência mental.

Vigotski (1996, 2009) ao explicar esse processo de conversão do natural em cultural, também esclarece que é na relação dialética com sua realidade objetiva que as funções psíquicas naturais (elementares) se transformam em culturais (superiores). Para o autor esse processo

consiste na reconstrução interna (intrapicológica) e ocorre mediado pela atividade simbólica que cada indivíduo desenvolve na mútua relação com o meio sócio-histórico e cultural que vive. (ARAUJO e CARVALHO, Lisboa, 2018)

Vigotski estudou o desenvolvimento infantil em busca de respostas sobre o desenvolvimento humano. Para ele o processo de humanização acontece por meio da interação social. Os agrupamentos humanos vão evoluindo e produzindo meios de interagir com a natureza e com outros seres humanos. Segundo ele, o desenvolvimento humano está ligado ao desenvolvimento biológico, funções elementares e de origem sociocultural mediadas pela linguagem, funções psicológicas superiores. Em seu primeiro estágio, há um nível inicial/elementar e depois vêm os níveis superiores em que há formas mediadas de comportamento; entre os níveis existem os sistemas psicológicos de transição.

O meio utilizado para que haja a interação homem/natureza, homem-homem são os instrumentos. Que podem ser objetos concretos criados pelo homem para se alcançar um objetivo (a lança para a caça) ou criação de significados para as coisas produzidas pelo homem, o signo. Então os objetos concretos ou signos servem de instrumentos de mediação entre o homem e a natureza, e o homem e o conhecimento científico, aquele produzido pelo próprio homem. A linguagem funciona como um instrumento de interação social.

É importante ter sempre em mente que Vigotski não era adepto da teoria do aprendizado baseada na associação estímulo-resposta e não era sua intenção que a sua ideia de comportamento mediado fosse interpretada nesse contexto. O que ele, de fato, tentou transmitir com essa noção é que, nas formas superiores do comportamento humano, o indivíduo modifica ativamente a situação estimuladora como parte do processo de resposta a ela. Foi a totalidade da estrutura dessa atividade produtora do comportamento que Vigotski tentou descrever com o termo “mediação”. (VIGOTSKI, 2007, p. XXV e XXXVI)

A interação é o meio pelo qual o sujeito interage com o mundo (natureza e outras pessoas) de forma não direta: ela é sempre mediada por instrumentos. Os instrumentos podem ser objetos concretos ou a linguagem. Sendo assim, uma pessoa não pode passar uma informação ou o significado de um conceito para outra. Ela pode apresentá-lo e por meio da interação entre os sujeitos, compartilhar o que sabe e o outro, de acordo com seu desenvolvimento biológico e dominando a linguagem, reconstrói internamente o conceito apresentado, até que ele, de acordo com suas condições pessoais de desenvolvimento e de interação, elabore o seu próprio conceito sobre a informação.

Mediação então seria, no meu entendimento, o processo em que numa dada situação contextual o sujeito é afetado pelos enunciados ali produzidos e, internalizando esses enunciados, realiza o diálogo interno com suas vivências e outras vozes que lhe constituem para, então, elaborar uma resposta a esse enunciado. Uma resposta que seja responsável e responsiva por meio da linguagem naquele ato irrepetível. Que permite a quem os observa e os lê, construir significados e sentidos. A mediação é o processo de inter-relação do ser humano que interage com o objeto a partir do contexto que o rodeia. Esta interação pode acontecer por meio de instrumentos ou de signos, ou de instrumentos e signos. Os instrumentos servem para externamente interferir no meio ou em objetos materiais. Já os signos agem como instrumento da atividade psicológica. A língua como instrumento é uma alegoria que se baseia em suas funções mediadoras. Para Raad (2016, p?), “A mediação é semiótica, isto é, a palavra é que possibilita o acesso ao conhecimento e à cultura. O signo é a ferramenta cultural criada pelo homem que possibilita o desenvolvimento de suas funções psíquicas.”

Vygotsky (1984) estendeu esse conceito de mediação na interação homem ambiente pelo uso de instrumentos ao uso de signos. Os sistemas de signos (linguagem, escrita, sistema numérico etc.), assim como o sistema de instrumentos, são criados pela sociedade ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural. (JOBIM E SOUZA, 1994 p. 123)

Segundo o professor bielorrusso, o desenvolvimento intelectual e da linguagem acontecem paralelamente e em um dado momento se entrecruzam dando origem ao pensamento verbal. Esse é o momento em que a criança começa a utilizar o signo verbal como instrumento de mediação entre ela e o mundo, produzindo conceitos. A formação de conceitos vai se consolidando e agregando mais elementos na proporção das experiências do indivíduo e de seu desenvolvimento intelectual. A formação de conceitos está relacionada com a noção de sentido e significado. O próprio conceito de mediação já é um exemplo do que Vigotski aponta sobre a formação de conceitos: é por causa das generalizações, da possibilidade de evolução de um conceito em decorrência das interações sociais a partir de um dado contexto sócio, histórico e cultural que se atualizam os conceitos.

Na contemporaneidade, muito se fala sobre mediação, mas propriamente dito mediação de conflitos. Situação em que uma pessoa atua como intermediária entre outra/ outras pessoas e/ou grupo para a resolução de um problema. No caso da formação de conceitos, o mediador da resolução do problema (formar um conceito) são instrumentos objetivos concretos ou abstratos

por meio de signos, como a linguagem. A mediação em Vigotski relaciona-se à interação que o ser humano tem com a natureza e com outros humanos. Que para ele não acontece de forma direta, mas sempre mediada por instrumentos: objeto ou a linguagem.

Por fim, chegamos aos conceitos de vivência e experiência que também são muito utilizados nesta pesquisa. Vivência e experiência não possuem o mesmo significado ou sentido. Para Vigotski vivência refere-se a uma unidade em que o sujeito estabelece uma relação com suas particularidades e o meio coletivo. Que apesar de serem independentes são inseparáveis. Resulta da interpretação do indivíduo sobre o meio social. Já o conceito de experiência pode ser definido como a bagagem cultural e intelectual que o sujeito acumula e serve de subsídio para que ele possa ampliar suas possibilidades de interpretação, combinação e criação do novo.

No primeiro capítulo, relato minha história de vida para apresentar ao leitor de que lugar eu enuncio, quem sou, pois estou contando sobre a minha vivência e sobre as minhas experiências. Ao relatar sobre como minha família foi o meio em que vivi as primeiras situações sociais de desenvolvimento da minha consciência e personalidade, estou me referindo ao termo vivência. A vivência é o que recebo da situação social em que estou inserida e que forma o meu interior aliado as minhas condições naturais de ser vivo (bio-física). Ela é a junção do natural e do sóciohistórico e cultural que forma a minha subjetividade. Segundo ARAUJO e CARVALHO (2018), “a situação social de desenvolvimento sempre produz uma ruptura, isto é, uma crise que conduz o movimento do desenvolvimento que gesta transformação.”

Sendo assim, quando conto sobre a aprovação nos concursos, a depressão e a entrada no mestrado, estou falando das minhas experiências. A experiência é a atividade do homem se relacionando com a realidade social vivenciando situações de desenvolvimento. Ela é a realização de uma atividade pelo homem diante de situações sociais que lhe causam desconforto e o conduz a um movimento de desenvolvimento, que gera transformação neste sujeito. Isto é, este sujeito impregnado de suas vivências (subjetividade) mediado pelo seu ambiente social de pertencimento é exposto a realidade social que o desloca, cause-lhe conflito e o força a desenvolver uma transformação em si.

Entendo como situação social um momento social numa escala micro de relação e interação. E a realidade social como o ambiente macro na qual os humanos se relacionam e produzem significações e se desenvolvem coletivamente. Ela é variável e dinâmica.

Por tudo isso, justifico a contribuição de Vigotski para a elaboração e análise desta pesquisa, por causa, principalmente, de seu conceito de mediação.

## – Linguagem e mediação: constructos sociais

Bakhtin e Vigotski têm em comum a percepção do desenvolvimento humano a partir das relações sociais e do desenvolvimento da linguagem como fruto destas relações. Ambos desenvolvem seus estudos influenciados pelas teorias de Marx cuja ideia de desenvolvimento do homem está relacionada ao trabalho de sobreviver além dos recursos naturais, produzindo seus próprios meios de produção. A filosofia e a psicologia aqui se juntam para ajudar a compreender como elaborar uma resposta ou respostas à minha questão de pesquisa: como os familiares vivenciaram e mediarão as atividades escolares durante o Ensino Remoto Emergencial?

Então, de que forma estes estudiosos contribuem com a elaboração e compreensão da pesquisa? Bem, partindo da perspectiva histórico-cultural, em que o homem tem seu nascimento biológico e social, afirmamos que o homem se faz homem a partir da cultura que produz e ao mesmo tempo se altera em contato com o outro, estabelecendo relações dialógicas e alteritárias. Bakhtin como o filósofo da linguagem contribui com suas formulações das relações a partir do uso dos signos: a linguagem. Por linguagem não nos prendemos à escrita ou à oralidade, mas sim a todas as formas de enunciação desenvolvidas pelo homem para se comunicar, nomear objetos, animais e pessoas. A linguagem para Bakhtin tem conteúdo, forma e tema de acordo com as atividades humanas desempenhadas pelo “eu” e pelo “tu” que acontecem por meio da interação verbal: seja oral, escrita, gestual, plástica.

Já Vigotski, o psicólogo russo, contribui para o entendimento desta pesquisa por conta de seu conceito de mediação e de desenvolvimento das atividades psicológicas superiores. Para ele o ser humano é biológico e cultural. Ou seja, é constituído de uma forma elementar natural e torna-se humano à medida que interage socioculturalmente na relação com o meio e com o outro, desenvolvendo assim as funções psicológicas superiores. Estas últimas são as que nos diferenciam dos demais animais.

Bakhtin fala de interação verbal e Vigotski fala sobre interação social. Dois elementos de fundamental importância para os estudos desta pesquisa. Pois é na relação verbal e social com o outro que nos compomos enquanto ser social e único. Por conta disso, no próximo capítulo, falo sobre o caminho empregado para construir esta pesquisa, ou seja, a metodologia.

### 3– POR QUE A CONVERSA COMO METODOLOGIA?

*“sem o outro não temos como realizar pesquisa em ciências humanas” (BARBOZA, 2022, p.59*

Como eu disse lá no capítulo 1, minha mãe é o tipo de narradora que faz pausas, suspenses e enche de detalhes o enunciado de um ato simples. Já o meu pai é aquele que usa uma entonação diferente para cada personagem da história que conta. Sempre usava pelúcia, criava uma história e cada pelúcia tinha uma voz. Foi com eles que tive as minhas primeiras conversas. Conversar com meu pai é: eu falo, ele fala, discordamos ou concordamos. Conversar com a minha mãe requer mais atenção e disponibilidade por conta dos elementos que já mencionei que ela traz para qualquer conversa. A gente vai ficando ansioso ao conversar com ela, vai supondo o desfecho, tentando antecipá-lo. Ela, no entanto, ao perceber isso, eleva o nível de ansiedade de quem a ouve por conta dos seus olhares, gestos, expressões faciais.

Foi com esses “outros”, pai, mãe e irmã que aprendi a conversar. E como a gente gosta de conversar! Tenho também uma amiga de infância que se ficarmos três dias juntas, faremos apenas pequenas pausas na conversa para beber um café ou uma água. Às vezes, na fila do supermercado ou numa sala de espera de algum consultório, converso com desconhecidos. Conversar faz parte do nosso cotidiano diário, faz parte da nossa vida. Conversamos com os amigos, com os familiares, com os colegas de trabalho, com os conhecidos até com uns desconhecidos. Conversamos com os nossos animais de estimação, com a natureza e também conversamos conosco, construímos diálogos internos/ mentais.

Na conversa eu afeto e sou afetada, mesmo num diálogo interno. E existem alguns tipos de conversas: jogar conversa fora, quando falamos de nada e de qualquer coisa; conversas difíceis e desconfortáveis; conversas que nos despertam alegria ou tristeza; conversa que acontece por gestos, olhares, silêncio; conversa para solucionar problemas, para organizar ou desfazer combinados; conversas! Então, o que seria uma conversa? Como podemos definir este conceito que faz parte da nossa vida antes mesmo de sairmos do ventre de nossas mães?

Segundo o Dicionário Online de Português <sup>18</sup>, conversa significa: diálogo; troca de palavras, de opiniões, de ideias, de informações entre duas ou mais pessoas sobre algo abstrato ou determinado.

Quando penso em conversa, mesmo que seja comigo mesma, sempre há no mínimo duas vozes se conectando. Uma voz enuncia provocando e a outra enuncia respondendo, seja com nova provocação, seja discordando ou concordando, seja desviando do assunto. Conversar seria colocar em troca, em partilha, em interação as vozes. As vozes que me constituíram ao longo da vida, as vozes que me marcaram e se incorporaram a minha própria voz. Bakhtin chama isso de polifonia. Paulo Bezerra aponta que:

O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que manifestem com autonomia e revelam no homem um outro “eu para si” infinito e inacabável. Trata-se de uma “mudança radical da *posição do autor em relação às pessoas* [grifo meu] representadas, que de pessoas coisificadas se transformam em individualidades. (BEZERRA, Paulo. 2021, p. 194)<sup>19</sup>

A polifonia, portanto, é a alteração da postura do autor que vai ao encontro do pesquisador pelo viés da heterociência em que fazemos pesquisa com o sujeito e não sobre ele. Desta forma, a interação das vozes dos sujeitos da pesquisa, dos autores dos textos estudados, da pesquisadora e da autora do texto fruto destas relações dialógicas que envolvem a escuta cuidadosa e torna as vozes que compõem a pesquisa plenas e equipolentes. E a conversa proporciona isso e também uma escuta amorosa.

Portanto, para desenvolver esta pesquisa, eu escolhi a conversa como metodologia porque na conversa eu me encontro com o outro e nesse encontro nos afetamos, somos responsáveis e responsivos. Encontro-me comigo também, quando num exercício de exotopia na posição de autora da escrita da dissertação encontro a pesquisadora que realizou a pesquisa. Numa conversa eu não tenho previsibilidade sobre o ritmo e direção da minha interação com o outro. Não há respostas certas! Há respostas que levam a outros questionamentos. Na conversa eu pesquiso com o outro e não sobre o outro.

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/conversa/>

<sup>19</sup> BEZERRA, Paulo. Polifonia. *IN: Brait, Beth. Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2021,

A conversa como metodologia a meu ver é um caminho propício ao desenvolvimento de uma pesquisa em Ciências Humanas, considerando que o participante da pesquisa não é um objeto uma vez que ele é um sujeito que realiza atos responsáveis e responsivos; um sujeito que altera e se altera no contato com o outro. Concordo com BARBOZA, quando ela diz que:

A compreensão do que Bakhtin nos propõe sobre a heterociência nos faz escapar de uma lógica linear, de buscar rastros e um corrimão para seguir o percurso da pesquisa, de utilizar instrumentos (entrevistas) com questões que seriam respondidas de formas não autênticas, pois o outro, geralmente, sabe o que você está querendo ouvir. Na perspectiva da heterociência, não narramos os eventos tecendo julgamento de práticas certas ou erradas, mas é sobre fazer o próprio caminho que Bakhtin está nos desafiando a pensar quando sinaliza outra forma de ciência do homem, ou seja, um pensar como ato ético, na escuta do sujeito do ato. (BARBOZA, 2022, p.65)

Por isso, na busca por um alargamento do texto acadêmico, proposto pela heterociência, utilizo a conversa como metodologia de pesquisa, apoio-me em Ana Lúcia Adriana Costa e Lopes (2018) como referencial principal para construir esta labuta acadêmica e acrescento outros estudiosos do gênero que encontrei pelo caminho. Parto da metodologia da conversa como caminho de partida e chegada de escuta aos sujeitos da pesquisa. No entanto, opto por registrar através da narrativa, sem querer sufocar as vozes dos sujeitos que constroem a pesquisa comigo.

Ao estudar os gêneros discursivos, algumas compreensões dessas questões se alargaram. A compreensão de que sempre enunciamos em um gênero e que há gêneros mais autoritários e gêneros mais alteritários. Nesse sentido, o gênero conversa se apresentou como um gênero cotidiano que se mostra como uma possibilidade para o diálogo da pesquisa. A conversa nos interessa principalmente porque ela é propícia ao acontecimento do enunciado: à enunciação. (LOPES, 2022, p.133)

Na conversa, há “a materialização da concepção bakhtiniana em relação às várias vozes presentes no texto de forma equipotente” (LOPES, 2018, p.87), porque temos as vozes tanto do autor/pesquisador quanto a dos sujeitos envolvidos presentes havendo a possibilidade de uma pesquisa não monológica entre os sujeitos envolvidos. Esta metodologia traz ao diálogo os sujeitos da pesquisa, os enunciados do passado e do presente, os teóricos. Se alguém questionasse, por que conversa como metodologia? Além da fala anterior de Ana Lopes, eu responderia com as palavras de Bakhtin:

A única forma adequada de *expressão verbal* da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Neste diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2011, p.348)

A minha pesquisa se desenvolve principalmente ou apenas por meio de conversas sobre como foi, para as famílias, mediar as atividades pedagógicas durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE), pelo *WhatsApp*<sup>20</sup>. Logo, faltam-me os elementos não verbais: um suspiro, um riso, uma lágrima, um gesto que endosse ou contrarie o que se afirma. Senti falta desses elementos. Mas quando feito o convite aos familiares dos estudantes da Unidade Escolar “campo” da pesquisa, deixei-os à vontade que escolhessem se queriam conversar pessoalmente, via chamada de vídeo ou por troca de mensagens pelo *WhatsApp*.

Num desses momentos em que as famílias foram à Unidade Escolar para resolver alguma questão burocrática, abordei alguns responsáveis, contei sobre meu trabalho de pesquisa e fiz o convite à participação. Também enviei convites por mensagens a alguns responsáveis a partir do contato que tínhamos via o aplicativo de comunicação.

Fiz o convite a vários responsáveis, que em sua totalidade eram mulheres. Nenhum familiar do gênero masculino participou desta pesquisa. Os primeiros convites ocorreram nos meses finais do ano de dois mil e vinte e um, quando já se falava em propostas de retorno às atividades escolares presencialmente, ainda que houvesse um rodízio de alunos para que as salas não ficassem com o número real de alunos por turma. Primeiramente, fiz um grupo no *WhatsApp* com todas que aceitaram participar da pesquisa. Estava iniciando o processo de construção do trabalho para ir conversando com as famílias, com quem cuidava e acompanhava as crianças nesse período tão turbulento, algumas relataram a perda de emprego e por isso estavam acompanhando de perto seus filhos.

Quando criei este grupo, ainda não tinha estabelecido alguns critérios que aos poucos entendi necessários. Não tinha definido ainda que familiares de estudantes matriculados em que ano de escolaridade me interessavam mais. A princípio, neste primeiro momento, eu apenas inseri familiares, independente do ano de escolaridade que cursavam os discentes.

No entanto, como se pode ver na descrição do grupo, a intenção sempre foi conversar e escutar como os familiares vivenciaram a experiência e, na época, ainda a estavam vivendo. Para

---

<sup>20</sup> Software de troca de mensagens de texto, áudio ou chamada de vídeos por meio de *smartphone* conectado à internet.

Miotello, “... essa questão da escuta já deu para a gente perceber que é o eixo central do Bakhtin, colocar-se na escuta.” (2018, p.45).

Imagem 2: Layout do grupo criado para trocar informações com familiares



Fonte: Arquivo da autora

Deste modo, iniciei meu caminho metodológico buscando trazer para a escrita a compreensão obtida através dos diálogos com os familiares. Num primeiro momento, eu fui abordando os pais que já conhecia quando eles iam à escola no período do isolamento resolver alguma questão. Aos poucos fui pegando contatos, explicando que estava no mestrado realizando uma pesquisa sobre como estava sendo para as famílias lidarem com a mediação das atividades escolares. Imediatamente, alguns respondiam: “Está sendo horrível!”

Algumas pessoas adicionadas foram saindo aos poucos, quase umas vinte, pois fiquei um tempo sem postar nada. Além disso, quando fui realizar o cadastro do projeto na “Plataforma Brasil”, percebi que precisaria fazer algumas alterações e falar com quem faria a pesquisa foi uma delas.

Estávamos em quarentena, exercendo a função de Auxiliar Administrativo naquele momento, enviei mensagem no privado para os responsáveis convidando a fazer parte da pesquisa.

*05/11/2021 - conversei com a Flávia sobre esta atitude e enviei para ela o texto que mandei. Ela sugeriu um texto mais leve.*

*16/11/2021 – a mudança no texto fazendo o convite teve respostas mais positivas. Até quem tinha ignorado a primeira mensagem, respondeu a segunda, menos formal. (Diário de pesquisa)*

E assim teve início o campo dessa pesquisa...

### **3.1 Entrando nas casas das famílias: os sujeitos da pesquisa**

Antes de apresentar os sujeitos desta pesquisa, quero falar um pouco sobre como os estudos de Bakhtin e de Vigotski nos possibilitam enxergar estes atores num processo de investigação.

Bakhtin (2003b) nos permite pensar o sujeito como um ser inacabado cuja existência depende do olhar que dele tem o outro. O que não é acessível ao campo de visão de uma pessoa sobre si mesma pode ser visto por um outro que, do lugar onde se situa, por sua distância, lhe permite um excedente de visão que o completa em uma completude sempre inacabada. (FREITAS. BERNARDES. PEREIRA, et. al.2015, p.51)

Em Vigotski não encontramos uma definição clara sobre seu posicionamento a respeito do sujeito da pesquisa. Mas a partir das leituras de seus escritos pode-se inferir uma possível definição:

Falar de sujeito em Vigotski é tratar de um se em constante metamorfose. Apoiado na carga genética inerente a cada um, o ser se torna único em contato com o outro. É na coletividade, no acesso aos costumes, informações, valores e objetos presentes e disponibilizados por cada sociedade que o ser humano vai se construindo sua concepção de mundo e de si próprio, se (re)criando enquanto sujeito humano. (FREITAS. BERNARDES. PEREIRA, et. al.2015, p.51)

Em ambos os teóricos se nota que a formação de um sujeito depende da sua relação com o outro aliado a sua subjetividade exercida na coletividade. Os sujeitos sempre estão em frequente transformação e constituição, nunca estão prontos e acabados. Logo, numa pesquisa sociocultural

e heterocientífica como esta não se pretende de forma alguma chegar à conclusão da ação ou à formação dos sujeitos.

Para realizar esta pesquisa, primeiramente tive a participação de forma mais geral e depois mais específica de familiares dos alunos da Escola Municipal Professor Joaquim de Freitas, no município de Nova Iguaçu. Apesar dos convites a vários responsáveis, apenas mulheres participaram desta pesquisa, Mães que cuidavam de seus filhos e acompanharam de perto o processo de desenvolvimento das atividades escolares durante o Ensino Remoto Emergencial.

No grupo de *WhatsApp*, fiz uma breve apresentação, falei do mestrado e de como estava sendo para mim aquele momento: “*Com a pandemia as coisas ficaram bem doidas! Porque a gente tinha que planejar sem estar em contato com as crianças. Foi bem difícil!*” A partir daí algumas mães foram se apresentando e falando um pouco sobre suas experiências. Esta foi uma estratégia utilizada para atingir o objetivo de deixá-las à vontade para falar. Pontuei que poderiam responder quando e como preferissem: no grupo, no privado, por meio de áudio, chamada de vídeo ou mensagem escrita; ou pessoalmente, combinando um encontro comigo. Sempre ressaltando que foi feito da forma que fosse mais confortável para elas.

Após este primeiro movimento, algumas se colocaram no grupo, apresentando-se e eu fiz uma pergunta disparadora para iniciar a conversa:

*Janete - Qual foi o seu primeiro sentimento quando a pandemia começou e a gente acreditava que ficaríamos só alguns dias em casa? Priscila – Fiquei desesperada pela quantidade de mortes.*

*Marcinha – Eu fiquei desesperada porque sabia que não seriam só uns dias, eu vi que a coisa realmente era séria.*

*Jaqueline – No começo achei que seriam alguns dias, mas depois vi que a coisa era séria. Aqui em casa só eu tive, mas foi leve. Eu não fiquei desesperada, tinha esperança de que tudo ia passar. (Caderno de pesquisa, fevereiro, 2022).*

Os sujeitos desta pesquisa assinaram o documento de TCLE e autorizaram o uso de seus verdadeiros nomes. Foram quatro mães que participaram da pesquisa: Veronica, Mauricea, Jaqueline e Jaqueline. Elas são casadas, com idade entre trinta e quarenta anos; tem entre um ou mais de um filho (a). Duas não trabalhavam fora, uma era artesã e uma ficou desempregada no início da pandemia. Todas as participantes possuíam apenas um aparelho *smartphone* durante o

ERE com acesso à internet via *Wi-fi* e por meio de dados móveis. Na família de todas as participantes aconteceu situação de desemprego delas próprias ou de seus cônjuges. Veronica, uma das mães, já trabalhava em casa como artesã. Mauricéa ficou desempregada no início da crise sanitária e após o isolamento voltou a estudar. Jaqueline começou a revender cosméticos. Elas contam que tiveram que se organizar para dar conta de utilizar o *smartphone* para conduzir as atividades escolares que aconteciam de forma síncrona e assíncrona. Dependendo do turno e ano de escolaridade, os professores se organizavam para atender por meio de explicações ou para orientação de atividades de forma síncrona via *WhatsApp*. A responsabilidade pelo acompanhamento das atividades escolares foi exclusiva delas.

Todas indicam como elemento positivo de vivência desde período a possibilidade de estarem mais tempo perto dos filhos. Apontaram que a família ficou mais unida e a relação familiar estabeleceu-se com mais confiança. Como pontos negativos elas indicaram o uso das máscaras, não poder sair de casa, ficar sem trabalhar e o medo sobre o futuro.

Em dado momento, pedi que elas falassem mais especificamente sobre si, quem eram que classe econômica e cor se identificavam a quantidade de filhos/ filhas. E, estas foram as respostas transcritas aqui, com adaptação das repostas:

Tabela 1. *Perfil das sujeitas da pesquisa*

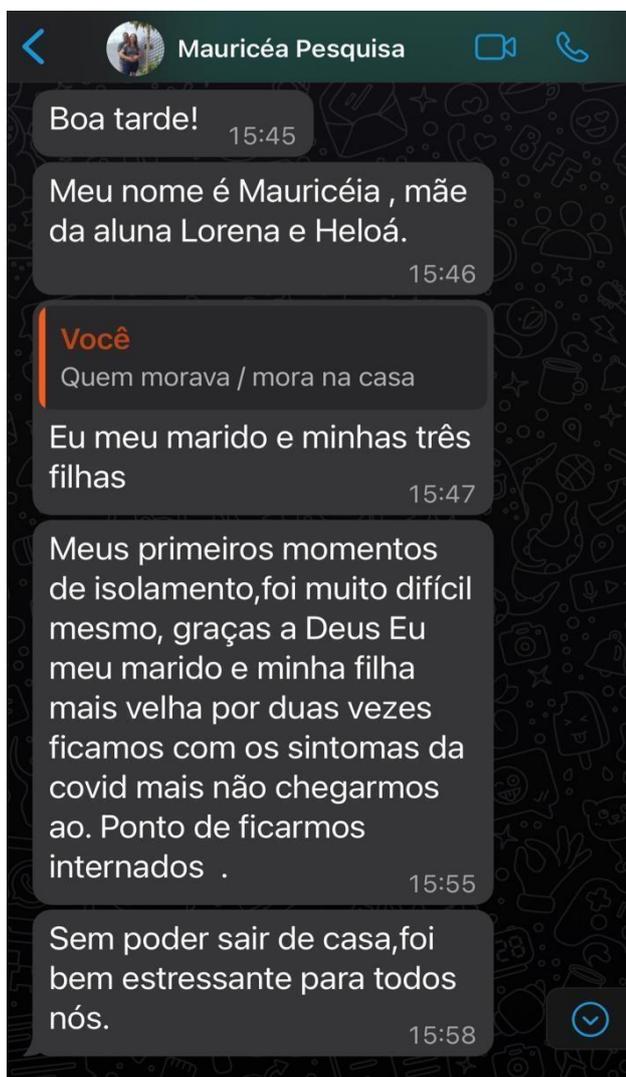
Jacqueline	Tenho 3 filhos, mas somente uma estudava no Joaquim, cursando o sexto ano em 2021. Vejo-me sendo de cor parda e pertencendo a classe média. Sou mãe, avó, trabalhadora e evangélica. Sou uma pessoa simples e que vivo pra minha família.
Jaqueline	Meu nome é Jaqueline, sou preta, sou empreendedora, sou casada e mãe de 4 filhos biológicos e 2 filhas do coração, sou serva do Deus criador do céu e da terra e amo cuidar da minha família e ser empreendedora. Durante o período do ERE apenas uma filha estudava no Joaquim.

Veronica	Sou branca e uma mãe simples que cuida de suas filhas com amor, dedicação e que ensina o respeito as suas filhas. Mãe "raiz" como dizem por aí. E atípica, por ter uma filha com diabetes. As lutas são acima do normal. Porém com fé e perseverança que o dia de amanhã será maior. Tenho 2 filhas. Em 2020 tinha apenas 1 no Joaquim e em 2021 a mais nova foi transferida para lá também
----------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Diário de campo

Sobre Mauricea, apresento o print de uma parte de nossas conversas em que ela se apresenta.

Imagem 3: Print de conversa



Fonte: Arquivo da Autora

No próximo capítulo, falo sobre a contemporaneidade, sobre os elementos que fizeram parte do contexto no qual se desenvolveu este trabalho de pesquisa.

## 4- ATRAVÉS DO OLHO MÁGICO: ESPIANDO A CONTEMPORANEIDADE!

*De acordo com Marx, mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na "natureza humana" (consciência e comportamento).(VIGOTSKI, 2007, p. XXV)*

O olho mágico é um instrumento colocado nas portas e portões que serve para que dentro de um ambiente se possa ter uma visão ampla do que está do outro lado da porta. Aqui eu realizo este ato para falar de contemporaneidade, pois quando fui pesquisar sobre o assunto, percebi que a discussão é ampla. Desta forma, o objetivo neste momento é situar o leitor sobre o contexto em que se realizou a pesquisa, a escrita e a análise deste trabalho. Portanto, não me aprofundarei sobre o conceito, faço apenas uma espiadela singela pelo olho mágico para contextualizar a pesquisa. Esclarecendo que a contemporaneidade é situada social, histórica e geograficamente, logo é construída por esses elementos.

O que chamamos de contemporaneidade começou a partir da Revolução Francesa e segue até os dias de hoje, ao tempo presente. Algumas marcas representam o que referenciamos como contemporâneo, dentre estas, posso enumerar alguns pontos que a caracterizam: as demandas de políticas de reparação social; a ciência moderna; a imprevisibilidade do futuro; as mudanças climáticas globais; e o tempo, a temporalidade que sofreu uma profunda alteração de significado. Giorgio Agamben, filósofo italiano, que teve seus estudos influenciados por pensadores como Hannah Arendt e Michel Foucault, ele escreveu:

Aqueles que procuraram pensar a contemporaneidade puderam fazê-lo apenas com a condição de cindi-la em mais tempos, de introduzir no tempo uma essencial desomogeneidade. Quem pode dizer: "o meu tempo" divide o tempo, escreve neste uma cesura e uma descontinuidade; e, no entanto, exatamente através dessa cesura, dessa interpolação do presente na homogeneidade inerte do tempo linear, o contemporâneo coloca em ação uma relação especial entre os tempos. (2009, p.71)

Etimologicamente, contemporaneidade, deriva do latim, da palavra contemporâneae significa que pertenceu a mesma época ou faz parte do tempo presente. Percebi que falar de

contemporaneidade refere-se a um espaço de tempo maior do que eu imaginava, é o tempo presente, porém também é o tempo presente não atual, não momentâneo.

Nesta busca para entender o significado do termo em questão, percebi que a princípio o que chamei contemporaneidade, Vigotski chama de Realidade Social. A realidade social é, segundo o psicólogo, o ambiente onde os humanos se relacionam e produzem significações e se desenvolvem, é variável e dinâmica. Ou seja, seu contexto!

No tempo em que realizei a pesquisa, apesar de ter uma pequena diferença de um ano ou dois, o contexto foi se alterando. Lembra: Realidade Social é variável e dinâmica? Quando entrei no mestrado e iniciei minha pesquisa, tínhamos no Brasil um governo negacionista, arbitrário e claramente despreocupado com as questões sociais, ambientais e com as camadas mais populares da sociedade. Eram tempos sombrios de uma pandemia que descortinou inúmeros problemas socioeconômicos que foram intensificados devido as posturas do governo federal. Visto que:

A eclosão da Covid-19, somada às reações desastrosas – e como no caso brasileiro, de caráter genocida (Ventura; Perrone – Moisés; Martin – Chenut, 2021) – dos governos, veio catalisar ainda mais sensações como as de incerteza, insegurança, fragilidade, medo, mas também raiva e ressentimento, constringindo os horizontes de expectativas dos grupos sociais. (TURIN, 2022, p.86)

Esta postura do governo federal em nada contribuiu para que a população brasileira encontrasse algum conforto diante do caos. Se não fossem alguns governantes estaduais e municipais se colocarem contra esta postura, não teríamos tido sequer um dia de isolamento social ou recursos destinados aos acontecimentos da pandemia.

Cabe assinalar, ainda assim, que, diante da situação emergencial, o governo federal teve que aceitar, por pressão do Legislativo federal, a realização de um esforço fiscal para dar conta dos efeitos imprevistos da imposição por governos locais e regionais do isolamento social para controlar a disseminação do novo coronavírus. (COSTA, 2021, p.12-13)

No entanto, em vias de concluir a pesquisa, com as eleições de dois mil e vinte e dois, e a consequente vitória democrática do atual presidente, já não estávamos mais em isolamento, apesar de ainda estarmos em pandemia. O país tem como presidente outro representante: o homem do Partido dos Trabalhadores que mesmo quando não era mais presidente do Brasil,

mostrou-se empático com as famílias que perderam seus entes queridos e sempre foi a favor da vacina.

Em maio deste ano, a OMS decretou o fim da pandemia, o que não significa que o vírus da Covid-19 simplesmente deixou de circular. Pelo contrário, mesmo com a vacinação, o vírus não para de sofrer mutações e acometer pessoas, só que agora seu potencial de crise sanitária mundial se diluiu. Ou seja, a Realidade Social em que finalizo meus escritos é constituída de outro contexto e ainda fazem parte da contemporaneidade.

Dentre as marcas da contemporaneidade que eu mencionei acima, a alteração do significado de tempo nos encaminha para as novas formas de se comunicar, de se relacionar, de se mostrar socialmente e que se estabeleceram e fortaleceram essa alteração temporal. Por isso, neste capítulo falo de uma das facetas da cultura contemporânea.

#### **4.1:Cibercultura: quando uma janela funciona como uma porta!**

De acordo com Marx, mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na “natureza humana” (consciência e comportamento). (VIGOTSKI, 2007, p. XXV). Tal afirmativa se comprova se olharmos para como a vida, a sociedade foi se constituindo após a Revolução Francesa, depois da Segunda Guerra Mundial e da Revolução Industrial. Todos os acontecimentos contemporâneos, apesar da distância no tempo se relacionam com o tempo presente. Os modos de produção, capitalismo e estatismo, e os modos de desenvolvimento, agrário, industrial e informacional determinam as estruturas sociais, pois “... a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (CASTELLS, 2000, p.43)

Imagem 4. Evolução humana



Fonte: Google

Com a charge ilustro algumas dessas “eras”, na qual podemos observar que conforme o homem foi desenvolvendo novos instrumentos e técnicas, novas formas de produção se desenvolveram e foram atualizando os contextos sociais, econômicos e culturais, ou seja, a sociedade como um todo. Cada era demonstrada na charge reflete sobre as formas de trabalho e de organização social, ou seja, formas de produção e de desenvolvimento.

Na última cena, “era do computador”, não vemos apenas uma nova forma de trabalho e produção, mas também de desenvolvimento na forma de se comunicar, de trabalhar e de se relacionar. Essa nova estrutura social está associada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento, o informacionalismo, historicamente moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção, no final do século XX. (CASTELLS, 2000, p.51)

Não demorou muito para que, em meados dos anos 1990, a emergência da web, com as facilidades de suas interfaces gráficas, começasse a trazer uma nova linguagem hipertextual e hipermídia para as telas, introduzindo novos hábitos interativos de comunicação em rede. Isso foi dando origem a formas de produção e socialização inéditas que passaram a receber o nome de cibercultura, ou seja, aquela que viceja no ciberespaço. (SANTAELLA, 2021, p.12)

O ciberespaço foi crescendo à medida que novos produtos tecnológicos foram aliados à internet, conectando pessoas em todas as partes do mundo, mediados por computadores, tablets, *smartphones*. O ciberespaço é essa possibilidade de estarmos geograficamente em um lugar e simultaneamente, através da internet, estar presente em outro ponto do mundo, a chamada

ubiquidade. O ciberespaço é a conexão entre “os espaços da cidade e os espaços da rede, pois vivemos em tempos de cultura digital. Ele é a janela servindo de porta para adentrarmos ambientes físicos e digitais, geograficamente perto ou distantes.

A cultura digital tem sua origem na apropriação social da informática na segunda metade dos anos 1970. A criação de uma rede digital aberta, plural e democrática foi resultado da ação de visionários que defendiam a liberdade, a inovação e a criatividade. A internet é, certamente, a mais importante infraestrutura de comunicação jamais criada pelo homem, uma rede mundial descentralizada que ampliou de forma inédita a democratização do conhecimento e a liberdade de circulação de informação pela liberação da emissão, conexão generalizada e reconfiguração social (cultural, política, econômica). (LEMOS, 2021, p.33)

Com o uso de computadores e da conexão em rede, nossos dados injetados em *sites*, aplicativos e plataformas digitais passaram a ser valiosos. É por meio deles que os conglomerados econômicos analisam e produzem novas formas de atender ou de criar demandas, sociais e econômicas, atendidas por algum produto digital: um novo aplicativo, uma nova plataforma. Os nossos dados passaram a ser disponibilizados por nossas próprias mãos quando começamos a viver conectados por meio de redes sociais, plataformas digitais, aplicativos, sites que visitamos.

A sociedade é a associação de pessoas em um determinado contexto que marca um tempo e um espaço. “O social é sempre o que aparece como resultado da formação de redes, coletivos híbridos, de humanos e não humanos”. (LEMOS,2021). Toda rede implica uma associação, um coletivo. No final dos anos 1990, o acesso à informação pôde ser compartilhado globalmente. Esse tempo ficou conhecido como sociedade da informação.

O surgimento da sociedade da informação se baseia justamente em um processo de coleta de dados para a gestão da vida pública. Isso não é de hoje. No entanto, a diferença é que temos agora, não só um processo automatizado de coleta de grande quantidade de informação – que se chama Big Data -, como também muita inteligência embarcada em algoritmos, que faz com que esse sistema possa induzir ações e indicar padrões escondidos, revelados justamente por essa gigantesca quantidade de dados. (LEMOS,2021, p.28)

Então, a cibercultura é o fenômeno cultural da contemporaneidade, iniciado entre as décadas de 1980 e 1990 quando a utilização de computadores conectados em rede, *internet*, popularizou-se e começou a fazer parte de todos os setores da sociedade: econômico, social, educacional... A tecnologia avançou da forma mecânica e analógica de ser para a forma digital, o

que possibilitou a consolidação da globalização, interligando pessoas, grupos, lugares por meio de um espaço-tempo específico – ciberespaço – que alterou nossos modos de ser e estar no mundo, de se relacionar, de estudar, de trabalhar, de viver. SANTAELLA (2021) diz que a cibercultura “corresponde a todas as formas de produção de linguagem e interações comunicativas que proliferam no ciberespaço”.

A cibercultura é a cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais nas esferas do ciberespaço e das cidades. Sua primeira fase foi marcada pela possibilidade de publicação e compartilhamento de conteúdos na rede mundial de computadores, internet. Segundo Santaella (2002), a segunda fase da cibercultura vem se caracterizando pela emergência da web 2.0 com seus softwares sociais – em que destacamos a emergência do m-learning, mediada pelos ambientes online de aprendizagem –, pela mobilidade e convergência de mídias dos computadores portáteis e da telefonia móvel. (SANTOS, 2019, p.23)

Com o uso de computadores e da conexão em rede, praticamente todos os setores da sociedade sofreram alterações. A educação foi um destes setores: a Educação a Distância (EAD) pode se reinventar. Esta é uma modalidade de educação que já existia antes da internet e era desenvolvida por meio do rádio, da TV e com o uso de material didático impresso e enviado pelos Correios<sup>21</sup> ao destinatário.

Com a popularização de computadores e acesso à internet, outras modalidades de ensino também foram se alterando. Com o passar do tempo, as escolas abandonaram os mimeógrafos e os estênceis e passaram a usar computadores e impressoras para criar e reproduzir atividades. Depois passamos a utilizar computadores portáteis, notebooks, e mais recentemente os smartphones com chips que nos conectam a internet.

A EAD abarcou inovações na forma de ser conduzida, criou-se o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) ou sala online. Logo,

Os ambientes online de aprendizagem são compostos por um conjunto de interfaces de conteúdo e de comunicação. Interfaces de conteúdo são os dispositivos que permitem produzir, disponibilizar e compartilhar conteúdo digitalizado em diversos formatos e linguagens (textos, áudio, imagens estáticas e dinâmicas) mixadas ou não. As interfaces de comunicação são aquelas reservadas para a interatividade entre os interlocutores. Estas podem ser síncronas, de comunicação em tempo real

---

<sup>21</sup> Agência de envios e entregas de correspondências e materiais de um lugar para o outro.

(como chats e webconferências), ou assíncronas, de comunicação em diferentes tempos (como correio eletrônico, fóruns, listas de discussão, portfólios, diários, blogs, glossários, *wikis*). (SANTOS, SILVA, 2009, p.275)

Além de plataformas de ensino, existem as plataformas digitais que gerenciam produtos e serviços no ambiente *online*. Com a evolução do telefone para *smartphone* é possível que fiquemos conectados em todos os lugares e o tempo todo, interagindo, criando um perfil em alguma rede social, comprando, expressando uma opinião, estudando, trabalhando...

Com o avanço tecnológico, mais especificamente por conta da mobilidade dos dispositivos e da internet, das mídias locativas, das tecnologias via satélite, que conectam o ciberespaço com as cidades e estas com o ciberespaço, não podemos mais entender a cibercultura apenas como a cultura da internet. Por outro lado, é preciso reconhecer os avanços da internet e como essa rede mundial de computadores vem interagindo com diversos espaçostempos cotidianos.(SANTOS, 2019, p.83)

Este avanço tecnológico aliado à conexão online possibilita que na EAD aluno e professor interajam, formando e se formando, mudando de um desenho didático puramente de transmissão para um desenho didático de interação. Neste caso, por meio dos *chats*, fóruns e vídeochamadas é possível a realização de atividades síncronas e assíncronas. Na sociedade conectada à internet, que dispõe o acesso à informação, o professor deixa de ser o detentor da informação para ser o que interage, estimulando a participação ativa e crítica do aluno na construção do conhecimento.

Os diálogos e as conversas ocorrem através do suporte digital de comunicação, possibilitam a expressão de sentimentos e emoções por meio de figurinhas /carinhas expressivas, chamadas de vídeo, são as interfaces.

“Interface” é um termo que, na informática e na cibercultura, ganha o sentido de dispositivo para encontro de duas ou mais faces em atitude comunicacional, dialógica ou polifônica. A interface está para a cibercultura como espaço online de encontro e de comunicação entre duas ou mais faces. Forma-se assim um híbrido entre objetos técnicos e seres humanos em processos de comunicação e de construção de conhecimentos. Com isso, os praticantes se encontram não só para compartilhar suas autorias, como também – e sobretudo – para criar vínculos sociais e afetivos pelas mais diferentes razões objetivas e subjetivas. (SANTOS, 2019, p.84)

As interfaces também podem ser utilizadas na Educação Online, uma vez que é uma abordagem que pode ser utilizada tanto no ensino a distância quanto no ensino presencial. Neste

caso, a tecnologia é um meio de promover interação, interatividade e autoria. Segundo Edméa Santos:

A educação *online* não é simplesmente sinônimo de educação a distância. A educação *online* é uma modalidade de educação que pode ser vivenciada e exercitada tanto para potencializar situações de aprendizagens mediadas por encontros presenciais; a distância, caso os sujeitos do processo não possam ou não queiram se encontrar face a face; ou híbridos, quando os encontros presenciais podem ser combinados com encontros mediados por tecnologias telemáticas. (2019, p.61)

Poderíamos pensar, ingenuamente, que a evolução da tecnologia, do ciberespaço atingiu igualmente a sociedade. No entanto, apesar de viver em tempos de cultura digital, o uso do “mediado pelo computador online” se limitava, com frequência a recolher material para preparar atividades, planejamento e pegar algum vídeo para complementar a aulaou, como aponta Edméa Santos, uma “prática de download”.

Diante do exposto, não podemos relacionar diretamente a cibercultura e todos os seus elementos com o advento da pandemia e as tentativas de manutenção das atividades educativas. A partir dela ficaram mais evidentes as desigualdades sociais/econômicas de acesso e uso da internet e das tecnologias digitais.

-O agenciamento do vírus SARS-Cov-2 colocou em evidência que o acesso à internet é, globalmente, fundamental para trabalhar, consumir, estudar, empreender, sociabilizar ... Mas a cada lugar ele se produz materialmente de forma particular. A necessidade de acesso e melhoria da infraestrutura urbana no Brasil (problema crônico e conhecido por todos) foram ressaltados pelo agenciamento pandêmico da Covid-19. Ou seja, o vírus desempacota e evidencia problemas que nos instruem sobre a realidade da nossa sociedade. (LEMOS,2021, p.27)

Eu não tinha a consciência e/ou refletido, - a cibercultura é a contemporaneidade e, por isso, devo entender que além de recurso tecnológico e pedagógico o *online* é também um lugar em que existimos, fazemos escolhas e nos posicionamos sobre a vida. Não é um lugar separado da vida real, mas parte dela. Ter consciência disso pode auxiliar-nos a compreender melhor a realidade em que vivemos e em que ensinamos-aprendemos.

Diante da pandemia, a cultura digital foi imprescindível para nos mantermos socialmente conectados. Afinal, os primeiros meios de comunicação como rádio, televisão e jornais impressos permitiam que tivéssemos acesso à informação. Mas apenas na era digital, além de

acesso, passamos a interagir de modo assíncrono, síncrono e praticamente instantâneo por conta da conexão à internet.

Quando se fala de cibercultura, alguns termos destacam-se: APP, tecnologias digitais, suportes, plataformas, sistemas lógicos, interface, cidade e espaço digital em rede, híbrido, mobilidade, artefatos, dispositivos tecnológicos, hipermobilidade, ubíqua. Faço aqui, uma singela tentativa, de um breve glossário em tópicos de alguns termos que servirão de uma gotinha conceitual para que o leitor possa ter uma noção sobre eles, caso não seja do seu repertório. E, além do mais, às vezes temos ideias equivocadas sobre os termos, eu já tive muitas.

*Tabela 2: Alguns termos para entender a cibercultura*

APP	Aplicativo ( <i>WhatsApp, iFood</i> )
Artefatos	Aparelho, objeto, dispositivo
Híbrido	Associação de atividades presenciais e <i>online</i> .
Hipermobilidade	É a alta possibilidade de mover-se física e digitalmente por meio de dispositivos conectados a internet.
Interface	Aplicativo ou dispositivo que possibilita a comunicação e interação entre ambientes distintos: o digital e o físico, por exemplo.
Mobilidade	É a capacidade de mover física e digitalmente.
Plataformas digitais	Conjunto de hardware e software formando uma estrutura de serviços e produtos que operacionalizam a monetização pela datificação (Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft)
Tecnologias digitais	É a transformação de qualquer linguagem ou dado em código binário (0 ou 1)
Ubíquo	Significa onipresente, estamos aqui, e, simultaneamente, podemos estar em outro lugar por meio das tecnologias digitais

Fonte: Elaborado pela autora

Lembro aos leitores que essa produção pretende auxiliá-los caso algum desses termos não sejam de seu conhecimento, para que possamos avançar na compreensão dos temas que pretendi tratar nesta pesquisa.

A crise sanitária mundial obrigou-nos a viver o isolamento social, que por sua vez, mobilizou-nos a uma nova forma de praticar as atividades escolares: o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Por isso, a necessidade de falar de cibercultura e alguns elementos que a compõem para melhor compreender o ERE.

## 5 - FECHANDO OS PORTÕES DA ESCOLA

*Sem as escolas, tem-se a impressão que o mundo parou. (GUIZZO, et. al,2020, p.5)*

Os anos letivos iniciam da mesma forma, todos os anos: com a abertura dos *portões* para a entrada dos alunos e das alunas, antigos e novos. Nas primeiras semanas, para alguns, há um processo chamado de adaptação (acolhimento ou inserção, a contar com a escolha semântica da equipe ou sua fundamentação teórica) ao ambiente escolar, comum nas turmas de Educação Infantil.

Acolhimento, segundo MOTTA (2014), faz parte da ação pedagógica voltada para as crianças pequenas, pois

Para que o acolhimento se torne uma realidade, a dimensão do cuidado deve receber especial atenção. Cuidado nesse contexto se refere a uma postura de respeito as necessidades integrais da criança, observando-se o conforto, a alimentação, a socialização, as necessidades de repouso e, ainda, as necessidades emocionais e as características individuais, a identidade racial, cultural e de gênero. A dimensão do cuidado se inscreve numa esfera da ética que deve permear todos os níveis de ensino, independentemente da idade e dos sujeitos envolvidos. (p.225)

Já a inserção/adaptação pode ser visto como uma imposição de regras de funcionamento do ambiente em que o sujeito é inserido. Cabendo às crianças e aos responsáveis apenas receber de forma unilateral os devidos comandos.

Sendo feita a adaptação ou acolhimento nos momentos iniciais do ano letivo, aqui a atenção fica para a abertura dos portões e depois das portas das salas de aula que, normalmente, são enfeitadas, para com alegria, acolher o novo ano letivo que se inicia, no lugar onde novos desafios e histórias serão vividos. Por muito tempo essa foi uma rotina escolar comum e até executada de forma bastante incorporada no fazer escolar, sempre presencial em escolas de Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio).

No ano de dois mil e vinte (2020), no entanto, logo após um início de ano letivo comum, o rumo das ações escolares e da vida de modo geral não iria mais seguir de acordo com a nossa ilusão de que todos os anos eram “iguais”, com um ritmo próprio e cristalizado. Chamo ilusão, pois acredito que os “atos são únicos e irrepetíveis”, como nos afirma Bakhtin (2012), o

pensador que fundamenta teoricamente minha escrita e esta pesquisa. O fato é que este ano letivo de dois mil e vinte (2020) foi o que chamamos de atípico, como uma das consequências da pandemia da Covid-19. Ele foi caracterizado como o ano de instauração da pandemia causada pelo novo Coronavírus.

Rapidamente, identificou-se a presença de uma nova variedade do vírus do tipo corona, e em pouco tempo, casos semelhantes apareceram em outras cidades e regiões do país e fora dele. Era o início da pandemia. Ainda assim, como os números da doença continuaram aumentando em mais países e continentes, cobrindo quase todo o globo, a OMS decretou o pior dos cenários: os casos estavam se alastrando e sem nenhuma organização prévia dos governos e das redes de saúde do mundo. (VELLOSO, SANTOS, JUNIOR, 2020)

O Coronavírus surgiu na China no final do ano anterior, apresentando amplo e acelerado potencial de contaminação, dando origem a uma crise sanitária mundial. Coronavírus, o vírus que sofreu uma mutação e desenvolveu o potencial mortal para grande parte da população mundial. Uma pandemia! Não estávamos preparados, nem os países ricos, muito menos os países menos desenvolvidos social e economicamente. Apesar de muitas mortes, inúmeros cientistas de todo o mundo buscaram compreender os efeitos do vírus e encontrar formas de contê-lo e desenvolver uma vacina. Se pensarmos em outros momentos de pandemia na história, podemos até pensar que o desenvolvimento da vacina foi rápido. Mesmo assim, já tínhamos perdidos muitos entes queridos. Vivemos tempos de pânico, de realmente vivemos um dia de cada vez.

No Brasil, em março de dois mil e vinte, presenciamos a abrupta alteração no nosso modo de viver: instaurou-se a quarentena, o isolamento social. Estabelecimentos comerciais de serviços não essenciais, as igrejas, os transportes públicos e as escolas foram fechadas por conta do desconhecimento de quais ações seriam cabíveis para combater o novo Coronavírus. Como forma de adiar a contaminação em massa, o isolamento social foi a forma fundamental de minimizar os seus impactos. Então:

A disseminação da contaminação pela COVID-19 conduziu o ensino presencial a mudar a rota, e, em 29 de maio de 2020, nos termos do artigo 2º da Lei nº9131, de 14 de novembro de 1995, o Ministério da Educação homologou o Parecer CNE/CP nº5/2020, do Conselho Nacional de Educação (CNE), “o qual aprovou orientações com vistas à reorganização do calendário escolar e à possibilidade de cômputo de atividades não presenciais, para fins de cumprimento de carga horária mínima anual” (BRASIL, 2020). A partir desse momento, os docentes tiveram que adaptar posturas, metodologia e habilidades e ainda testar capacidades

relacionadas às tecnologias digitais da informação (TCs) no trabalho, implantando-as na sua rotina como meio efetivo de comunicação com os alunos. (VOGES, M; DI FANTI, M., 2021)

A escola é um ambiente que movimenta as cidades. Quando em época de recesso escolar, nitidamente, as ruas ficam mais vazias, os ônibus mais silenciosos e os *portões* às vezes se fecham por um curto período, inferior ao recesso dos alunos. Sem estudantes, a escola é só um prédio vazio! Entretanto, essa pausa é necessária para o descanso de professores e estudantes. Muitos anos seguindo essa rotina anual e o corpo e a mente começam a “perceber” a aproximação das férias. Esse é um pensamento quase unânime pelos corredores ou sala de professores.

No entanto, no ano em questão os portões das escolas se fecharam repentinamente e sem previsão de reabertura como medida de segurança sanitária devido a pandemia da Covid-19. Sem as escolas, tem-se a impressão de que o mundo parou. E a vida tem esta habilidade: de mostrar que o impensável e o improvável acontecem e que nossos horizontes de ação podem ser limitados. (GUIZZO, et. al,2020, p.5). FECHARAM OS PORTÕES DAS ESCOLAS!

Quando recebemos a notícia da implantação do isolamento social por conta da pandemia, várias cidades instauraram barreiras sanitárias em seus limites, o uso de máscara tornou-se obrigatório e a recomendação era o uso de álcool em gel para higienizar as mãos e qualquer objeto ou produto que chegasse até nós. Veio uma súbita sensação de desespero apocalíptico, motivado pelos fatos alarmantes instaurados:

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia provocada pela COVID-19, nomeado “novo coronavírus” (SARS-CoV-2). De lá para cá, foram infectadas mais de 46 milhões de pessoas no mundo e, destes, mais de um milhão de pessoas faleceram em decorrência do vírus. No Brasil já são mais de 5 milhões de casos e mais de 160.000 mortes. Desde então, os impactos sociais, econômicos, sanitários, políticos e científicos têm desafiado os cientistas e os gestores públicos do mundo todo. Inúmeros países fecharam suas fronteiras, decretaram o isolamento fechando estabelecimentos comerciais, escolas e universidades. (PLETSCH, MENDES, 2020, p.3)

Portarias, resoluções, decretos e leis foram aprovados para estruturar o enfrentamento da Covid-19 que apresentou um potencial tão rapidamente devastador e promotor do desespero, do medo, da ansiedade e da insegurança. Em edição extraordinária, o Diário Oficial de Nova Iguaçu publicou o Decreto Nº 11.891, de 13 de março de 2020, que dispunha “...sobre a criação dogabinete de crise para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância

internacional decorrente do novo coronavírus”, e alterou o calendário escolar, trazendo o recesso que ocorreria no mês de julho para a segunda quinzena de março.

A seguir, veio o Decreto Nº 11. 898, de 21 de março de 2020, que adotou “... medidas restritivas excepcionais para contenção da disseminação do surto de Covid-19 no âmbito do território municipal”, determinando o fechamento dos *shoppings*, das igrejas, dos comércios não essenciais à manutenção da vida...

Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos. (BOAVENTURA, 2020, p.7)

Num desses tantos decretos e tentativas de enfrentar a pandemia, acredito que, naquele momento, com certa esperança de que não seria tão grave como parecia e a vida voltaria logo ao “normal”, foi decretado o trabalho de modo *home office* para os docentes, no qual eles tiveram que utilizar os aplicativos de redes sociais para manter o contato com os estudantes, de forma síncrona e assíncrona. Aos alunos cabia acompanhar e participar também por meio dos aplicativos de redes sociais mediados pelo uso da internet. A escola ficaria fechada para as aulas, sendo frequentada apenas pela equipe gestora e administrativa em situações pontuais administrativas.

Além das medidas de isolamento e prevenção, em caso de suspeita, o acometido deveria ficar isolado do restante da família por, pelo menos, catorze dias consecutivos. Em dois mil e vinte, a princípio, ainda não havia o teste para determinar se era Covid ou não. Se um indivíduo apresentasse os sintomas (febre, tosse, perda do olfato e/ou paladar, dor no corpo), além do isolamento lhe era receitado azitromicina com o objetivo de proteger os pulmões e não evoluir para uma pneumonia. E, em casos mais graves, em que ocorresse falta de ar, a pessoa deveria procurar imediatamente um pronto atendimento de emergência.

Foi o que me foi receitado quando tive Covid por meio de uma consulta por videochamada. Tempos de cibercultura possibilitaram que eu fosse atendida através de uma plataforma de videoconferência, em seguida utilizando o *WhatsApp* solicitei a medicação à farmácia e artigos alimentícios no mercado do bairro. Ao chegar a minha residência, fui de máscara e luvas para efetuar o pagamento dos produtos. Eu entregava o cartão com o uso de luvas e dizia a senha

do cartão ao entregador; ia sempre com um borrifador de álcool e mantinha distância deles. Depois vi a possibilidade de utilizar o pagamento por aproximação. Tudo possível por conta das tecnologias digitais conectadas à internet.

Em tempos de isolamento social, entre paredes que se colocaram às crianças como impeditivos ao cotidiano desfrutado anteriormente, elas encontram na tecnologia, por meio de câmeras e redes sociais, formas de expressão que as conectam com o mundo, ainda que mobilizadas pela ameaça constante de contágio. (PONTE, NEVES, 2020, p.89)

Diante do contexto que afetou tanto as escolas, tanto públicas quanto as privadas, a solução para manter as a escolarização foi fazer uso das tecnologias digitais conectadas à internet. Por meio de plataformas educacionais, videoaula, formulários do *Googledocs* na elaboração de exercícios, aplicativos de redes sociais. E, assim, deu-se continuidade às atividades escolares, tendo além destes recursos tecnológicos, os familiares como mediadores da aprendizagem.

Em meio a tantos termos que se referiam à educação em tempos de cibercultura e pandemia, o Ensino Remoto Emergencial foi o que coube para representar alguma continuidade das atividades escolares no município de Nova Iguaçu e outros. Recebeu este nome porque foi a forma de dar continuidade da educação formal longe do ambiente escolar e ocorreu em uma situação de emergência. Passemos então a falar sobre a Escola Municipal Professor Joaquim de Freitas, cujos familiares dos discentes foram os sujeitos desta pesquisa.

## **O ensino remoto emergencial na E M Professor Joaquim de Freitas**

A Escola Municipal Professor Joaquim de Freitas, localiza-se no bairro Campo Alegre em Nova Iguaçu, bem próxima a divisa com o Município de Queimados. A escola é distante do centro de ambos os municípios. Fruto de uma construção de coletivos, antes de ser municipal ela era gerenciada pela Paróquia de São João Batista pertencente a Queimados, chamava-se Escola Paroquial. Quando municipalizada, recebeu o nome do Professor Joaquim de Freitas que teve bastante relevância na história da educação em Nova Iguaçu.

Queimados emancipou-se de Nova Iguaçu na década de 90, antes era distrito deste município. A área em que a escola é localizada, Campo Alegre, faz parte do primeiro assentamento de terras do Movimento Sem Terra (MST) no estado do Rio de Janeiro. O assentamento é dividido em algumas regiões e a da escola chama-se Campo Alegre também. A uns quatro quilômetros de distância do Joaquim de Freitas há outra Unidade Escolar Municipal: Escola Municipalizada Campo Alegre.

Segundo Bakhtin tudo tem um antes e um depois, os enunciados se conectam de alguma forma. Apesar da diferença em quilômetros ser de certa forma pequena se comparada com a distância do centro de Nova Iguaçu, temos realidades distintas. A E. M. Campo Alegre é considerada pela Secretaria de Educação como escola de campo, e, a E. M. Prof. Joaquim de Freitas, urbana.

A princípio era uma escola com apenas o primeiro segmento e a partir de dois mil e quinze passou a ter turmas até o oitavo ano de escolaridade. A unidade possui cinco salas de aula e uma improvisada porque deixou de ser laboratório de informática para ser sala de aula. Uma outra sala pequena que era sala de leitura também passou a ser sala de aula. No entanto, por conta do seu tamanho e condições insalubres transformou-se num almoxarifado. As aulas eram sempre presenciais e o uso de tecnologias digitais se limitava a apresentações utilizando computador e projetor por alguns professores.

Com o propósito de manter as atividades escolares de forma não presencial, a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), do município de Nova Iguaçu, lançou, como se pode ver na imagem abaixo, um recurso para atender a esta demanda: a base de dados chamada de “Escola Mais!”

Imagem 5: Print do site da Prefeitura de Nova Iguaçu



FONTE: Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu lança cadastro on-line para alunos terem acesso a aulas e atividades complementares durante Covid-19 | Prefeitura de Nova Iguaçu (novaiguacu.rj.gov.br)

A publicação em questão segue com as orientações de cadastro e acesso.

A Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu (SEMED) lança, nesta terça-feira (14), um cadastro pelo site da Prefeitura para alunos da rede acessarem aulas e atividades complementares via internet. Uma com os professores da Escola Mais vai possibilitar o acesso virtual dos estudantes do **6º ao 9º ano do Ensino Fundamental 2** do município para que possam fazer exercícios organizados e sequenciados do roteiro de estudos e, também assistir as aulas ao vivo. A intenção é que até esta quarta-feira (15) todos já tenham feito o cadastramento e possam estar aptos para entrar na página.<sup>22</sup>

O passo-a-passo para o cadastro na Escola Mais é simples:

1. Acesse o site da Prefeitura;
2. Clique no pop-up para ser direcionado ao portal da Escola Mais;
3. Para a inscrição é preciso colocar os dados do aluno, do responsável e o nome da escola;
4. O estudante receberá um e-mail que vai direcioná-lo para a plataforma de estudo, com todos os conteúdos das disciplinas;
5. No ambiente da Escola Mais, o aluno será encaminhado para o roteiro de estudos com orientações de atividades e desafios sobre um ou mais assuntos de todas as disciplinas (Ciências da Natureza, Ciências Humanas, Língua Portuguesa, Matemática, Corpo e Movimento, Inglês).

Estudando desta forma, o aluno vai adquirir conhecimentos antes da aula ao vivo de cada matéria, que acontecerá de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h20. Nessas aulas, o estudante pode tirar dúvidas e aprofundar o aprendizado obtido ao navegar pelo site.

É importante salientar que os alunos da rede municipal serão atendidos à distância para que não percam conteúdos durante a suspensão das aulas. Para os estudantes da Educação Infantil, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental 1 e da Educação para Jovens e Adultos (EJA), as atividades são disponibilizadas pelo Google Drive. Os links para acesso são enviados via WhatsApp ou chats das redes sociais pelas direções das escolas para os pais dos alunos. Para a Educação Inclusiva, há um blog com vídeos produzidos pelos profissionais da educação de Nova Iguaçu, abordando assuntos que desenvolvem habilidades psicomotoras, comunicacionais, escrita e leitura, dentre outros eixos trabalhados.

Veja todos os links abaixo:

Educação Infantil –

[https://drive.google.com/drive/folders/1y9ChWEcHo4o5soBHvHSVSM\\_qkT\\_GWME-1º ano](https://drive.google.com/drive/folders/1y9ChWEcHo4o5soBHvHSVSM_qkT_GWME-1º ano)

– <https://drive.google.com/drive/folders/1F4agXT1ZtAW7BsDVIMiuU521RF8ym32Q>

2º ano – [https://drive.google.com/drive/folders/1HGv\\_xygez\\_TAtHbtjHKN6LZShMr2R6zr](https://drive.google.com/drive/folders/1HGv_xygez_TAtHbtjHKN6LZShMr2R6zr)

3º ano – [https://drive.google.com/drive/folders/1GtLR-TXacY7z\\_5HMFoXMi-FHjZsOnKwu](https://drive.google.com/drive/folders/1GtLR-TXacY7z_5HMFoXMi-FHjZsOnKwu)

4º ano – <https://drive.google.com/drive/folders/1lbc7R6TkSLUZVYukAq1grNxizZhSouWU>

5º ano – <https://drive.google.com/drive/folders/1usZ1teEqtu-KUhczmIoC0n6wb4AL4452>

EJA – [https://drive.google.com/drive/folders/1WbrjiQvZ4iF0RekhUh0d1edY6q9\\_h37H](https://drive.google.com/drive/folders/1WbrjiQvZ4iF0RekhUh0d1edY6q9_h37H)

Educação Especial – <https://novaeducacaoinclusiva.blogspot.com/> <https://neapemacao.blogspot.com/>

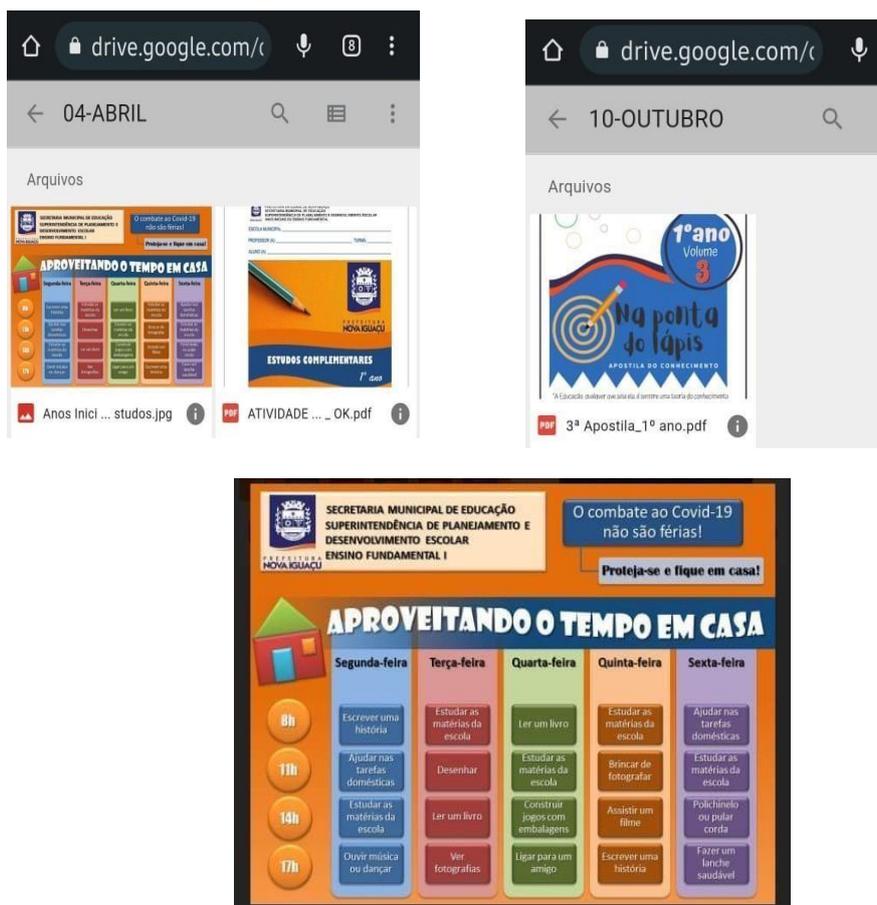
“Toda essa ação pedagógica foi pensada pela rede municipal de Educação de Nova Iguaçu para que os alunos possam continuar estudando durante o isolamento social por causa da Covid-19”, afirma Maria Virgínia Andrade, secretária municipal de Educação de Nova Iguaçu. A interrupção das aulas nas 141 unidades municipais (incluindo escolas e creches) começou no dia 16 de março deste ano. Assim que as aulas forem normalizadas, será aplicada uma avaliação para que os estudantes recebam o reforço necessário.

<sup>22</sup> A reportagem pode ser encontrada acessando: <https://www.novaiгуacu.rj.gov.br/2020/04/14/secretaria-municipalde-educacao-de-nova-iguacu-lanca-cadastro-on-line-para-alunos-terem-acesso-a-aulas-e-atividadescomplementares-durante-covid-19/> Acesso em 17/01/2023.

Como se pode observar na publicação acima, a base de dados Escola Mais se constituía num sistema de armazenamento em que o estudante teria acesso ao material elaborado por equipe técnica pedagógica da Secretaria de Educação. Era necessário fazer o cadastro para ter acesso ao programa, que estava (e ainda está) disponível em uma Plataforma de armazenamento e compartilhamento de arquivos: o *google drive*. O Google Drive faz parte da cadeia de aplicativos do Google, e tem como função o armazenamento em nuvem de fotos, documentos de texto, planilhas e apresentações. Tudo sincronizado e com possibilidade de compartilhamento entre suas equipes.

Percebemos que, no entanto, se seguirmos os links, mesmo sem qualquer cadastramento, temos acesso ao armazenamento. Lá no *google drive*, encontramos apostilas elaboradas por uma equipe da Secretaria de Educação, padronizadas para atender a todo o município de Nova Iguaçu.

Imagem 6: Prints do google drive mostrando as atividades armazenadas.



Fonte: Drive do armazenamento Escola Mais

Fazendo parte da equipe administrativa, trabalhava na secretaria da escola no momento da pandemia, eu não estava por dentro das questões pedagógicas em vigor. Logo, só fui ter conhecimento deste armazenamento das apostilas quando iniciei a investigação para a pesquisa. Porque além deste acesso, as mesmas apostilas impressas foram enviadas para as Unidades Escolares e os responsáveis pelos estudantes as buscavam. Cheguei até perguntar ao grupo de equipe pedagógica da Unidade a respeito deste acesso ao *google drive*, e tive a seguinte resposta de uma Orientadora Educacional:

Boa tarde, grupo amigo! □  
Trabalhei durante o ano de 2020, até 18/03 presencial, após essa data online, a SEMED "ofereceu" às U.Es. a plataforma digital Educa Mais.  
Não deu certo pela dificuldade do acesso, mesmo assim continuou como opção para o ensino remoto.  
Nos relatórios semanais sempre citávamos que mesmo com dificuldade, alguns alunos acessavam a plataforma. Dessa dificuldade, surgiram as outras opções de acesso; zap, facebook, telegram, sinal de fumaça, etc.

Fonte: Grupo de *WhatsApp* da Unidade com seus profissionais. Arquivo da autora (2021)

Pelo relato da Orientadora, vemos que a questão do acesso foi conflituosa com a realidade estrutural dos discentes. Nem todos possuíam acesso à internet ou mesmo computadores. O que era mais comum entre as famílias era presença de telefones celulares comuns ou smartphones que também não atendiam à demanda familiar, porque com frequência era um aparelho para toda a família.

... a pandemia evidencia o tamanho do abismo social na sociedade da informação e do conhecimento. Entre o uso de apostilas e interatividade em diferentes plataformas pagas/gratuitas, o ensino remoto ganhou repercussão e revelou disparidades quanto ao acesso à tecnologia digital em diferentes âmbitos. As redes de comunicação fomentam argumentos de uma sociedade aparelhada por artefatos digitais, firmando as gerações recentes como detentoras desses apetrechos, o que se considera nativismo digital. Entretanto, o aumento do uso da tecnologia digital nesse período retrata desafios em relação à acessibilidade, usabilidade e igualdade de direitos. Muitos estudantes não participam efetivamente das propostas pedagógicas de atividades remotas, pois há discrepância quanto ao acesso à internet. (PLETSCH Et. al., 2020, p.3)

A Escola Municipal Joaquim de Freitas além deste recurso, procurou por meio de redes sociais como *Facebook*, *Telegram* e *WhatsApp* manter o contato síncrono e assíncrono com os alunos e alunas. E, o que mais atendeu a demanda desta unidade foi o contato via WhatsApp, pois é o mais popular entre os familiares e algumas operadoras de telefone oferecem acesso ilimitado (gratuito).

A entrega das apostilas impressas nas escolas e repassadas aos responsáveis para que os discentes realizassem em suas casas as atividades também foi a opção que teve total adesão do público da escola. Ainda assim, alguns estudantes que não possuíam telefone de nenhum tipo demoraram a saber que precisavam buscá-las para que fosse computada a participação do aluno(a). Ao professor cabia ter um meio de comunicação síncrono com os alunos para acolhimento e esclarecimento das dúvidas surgidas, mesmo não tendo feito parte da elaboração do material.

Lembro-me de uma responsável que veio de Campo Alegre, a outra parte do regional que é considerada área de campo, cujo ônibus passa com o intervalo de uma em uma hora, andando os quatro quilômetros de distância porque ficou sabendo pelos vizinhos que tinha que buscar a apostila. Parece que estou falando de um lugar distante no tempo, mas é uma realidade contemporânea à sociedade digital, a cibercultura.

O Ensino Remoto Emergencial foi sendo desenhado na prática, não foi possível se formar, refletir sobre os caminhos e se reorganizar. Muitas ideias vieram a mente quando se anunciou a sua implantação: algo vindo da EAD; educação online; ensino híbrido. Uma mistura de informações que pareciam fazer parte de um todo.

A verdade é que por mais que já estivéssemos vivendo tempos de cibercultura, alguns de nós, professores, ainda não tínhamos tomado consciência deste fenômeno contemporâneo e não pensávamos que um dia a presença do mediado pela conexão em rede, o online seria uma realidade instaurada nas turmas de Educação Básica de uma escola que atende as demandas populares. “Além disso, muitas famílias estavam impossibilitadas de assistirem as crianças durante o ensino remoto em virtude de acúmulo de atividades, busca por formas de sobrevivência e baixos níveis de escolaridade. (SILVA, PLETSCHE, DIAS, 2021,p.1)

Ou seja, o que podemos definir como Ensino Remoto Emergencial no recorte do universo desta pesquisa se traduziu em um processo em que o estudante tinha acesso aos conteúdos e exercícios, via plataforma digital ou impressos retirados na escola. Os contatos entre os professores, familiares e crianças se davam de forma síncrona e assíncrona através das redes

sociais como o *Facebook*, o *Telegram* e o *WhatsApp*. Nestas redes sociais eram postadas atividades além das que vinham na apostila. Isso depois dos docentes se darem conta de que a apostila padrão para todo o município, muitas vezes, estava distante da realidade de ensinoaprendizagem dos referidos anos de escolaridade.

Como dito anteriormente, o *WhatsApp* foi o que melhor funcionou na relação professor, conteúdo e discentes. Todos os dias, os professores ficavam disponíveis no grupo do aplicativo para tirar dúvidas e lançar conteúdos. Nestes momentos ocorriam interações entre estudantes, professores e familiares que estavam mediando o contato, principalmente em turmas do primeiro segmento. Os familiares mandavam fotos e vídeos das crianças realizando as atividades. Já nas turmas de segundo segmento, os professores ficavam disponíveis aos alunos de forma síncrona no aplicativo, conforme seus dias de trabalho com suas disciplinas.

O contexto de Ensino Remoto Emergencial deu destaque a atores de enorme relevância, mas que anteriormente talvez tivessem menor visibilidade no processo da educação formal: os familiares. Além de serem os responsáveis pela busca das apostilas na Unidade Escolar, eles tornaram-se mediadores no processo de execução das atividades. É desta forma que entramos pela porta da frente na casa dos estudantes e nos unimos em diálogo com as famílias para que as atividades escolares pudessem acontecer mesmo diante do caos.

Esta então é uma pesquisa sobre a perspectiva dos familiares. Propusemo-nos a buscar compreender como eles vivenciaram esta experiência. No próximo capítulo, apresento estas conversas.

## 6 - ENTRANDO PELOS PORTÕES DAS CASAS DOS DISCENTES: CONVERSA COM AS FAMÍLIAS

*Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. (DESSEN, POLONIA, Paidea, 2007, p.22)*

Primeiramente, acho importante iniciar falando de forma geral sobre famílias antes de chegar às famílias, os sujeitos desta pesquisa. Acredito que todos nós quando ouvimos a palavra “família” somos afetados de formas diferentes, mas no geral, tendemos a pensar em vínculos consanguíneos e pertencimento a um grupo que envolve cuidado e afeto ou a falta deles, dependendo de sua experiência pessoal.

Na fase adulta, eu comecei a compreender família como sendo pessoas que estão comigo nos bons e maus momentos e que me amam apesar de quem eu sou, independente de laços consanguíneos porque “tudo o que acontece com um dos membros afeta diretamente todos os demais.” (GLAT, PLETSCHE, 2004, p.1) Por isso, escutar o que dizem as famílias que vivenciaram o Ensino Remoto Emergencial no cronotopo da pandemia, se faz necessário. Pois “... é preciso também saber qual a sua história ...” (ROUDINESCO, 2003 p.17).

Na família, mais do que em qualquer outro grupo social, as fronteiras individuais são fluidas, e há uma constante troca de afetos, influências mútuas, expectativas e cobranças, conscientes ou não. Mesmo quando há conflitos e divergências internas, a família se comporta como uma unidade, e tudo o que acontece com um dos membros afeta diretamente todos os demais. (GLAT, PLETSCHE, 2004, p.1)

Quando a humanidade, por meio da linguagem, produz signos e em decorrência da evolução das relações sociais, atribui-lhes sentido, ela deixa de possuir apenas o caráter biológico e natural e começa a constituição do caráter cultural. Vigotski nos diz que “O uso de signos conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura.” (2007, p.34). Assim, a criação ideológica é social.

No entanto, o ideológico em si não pode ser explicado a partir das raízes animais, sejam elas pré ou supra-humanas. Seu verdadeiro lugar na existência está em um *material sígnico* específico, que é social, isto é, criado pelo homem. A sua especificidade está justamente no fato de que ele existe entre indivíduos organizados, de que representa o seu meio e serve como *médium* para a comunicação entre eles.

Um signo só pode surgir em um *território interindividual*, que não remeta a natureza no sentido literal dessa palavra. (VOLÓCHINOV, 2021, p.96)

É por meio das relações sociais coletivas, mediadas pela linguagem que se constrói a cultura dos grupos humanos, dando-lhe formas, funções e preceitos. “De todo modo, e é Lévi-Strauss quem prossegue,” o que diferencia realmente o homem do animal é que, na humanidade, uma família não seria capaz de existir sem sociedade...” (ROUDINESCO, 2003, p. 15),

Roudinesco (2003), historiadora e psicanalista francesa, ajuda-nos na reflexão sobre a família, ou melhor, famílias. No plural, porque além de existirem formações familiares diversas ao longo da evolução da humanidade, seria ingênuo acreditar que em cada época existiu apenas um formato contemplado. Em seu livro “A família em Desordem” a autora constrói um panorama da evolução familiar desde a perspectiva das relações pelo viés da natureza, dos arranjos familiares com o objetivo de proteção de patrimônio ou mera procriação da espécie, até chegarmos à produção independente de filhos e aceitação social de relacionamentos homoafetivos.

Desvinculada da instituição do casamento e entregue pela ciência ao poder das mães, a família do final do século XIX era horizontal e fraterna. Lugar de refúgio contra as angústias, trazia aos homens e às mulheres os benefícios de uma alteridade livremente consentida que repousava em uma imagem cada vez mais turva da ordem simbólica. Falou-se então dos “novos pais”, mais felizes, dizia-se, por carregarem seu filho contra o corpo do que por levá-lo pelo braço, segundo o rito ancestral da designação nomeadora. Os homens assumiam assim um papel “maternalizante” no exato momento em que as mulheres não eram mais obrigadas a serem mães porque detinham controle da procriação. O modelo familiar oriundo dessa reviravolta se tornou, desde então, acessível àqueles que dele eram excluídos: os homossexuais. (ROUDINESCO, 2003 p.179)

A autora aponta três grandes fases da evolução da família: tradicional, moderna e contemporânea/pós-moderna.

Numa primeira fase, a família dita “tradicional” serve acima de tudo para assegurar a transmissão de um patrimônio. Os casamentos são então arranjados entre os pais sem que a vida sexual e afetiva dos futuros esposos, em geral unidos em idade precoce, seja levada em conta. Nessa

ótica, a célula familiar repousa em uma ordem do mundo imutável e inteiramente submetida a uma autoridade patriarcal, verdadeira transposição da monarquia de direito divino. Numa segunda fase, a família dita "moderna" torna-se o receptáculo de uma lógica afetiva cujo modelo se impõe entre o final do século XVIII e meados do XX. Fundada no amor romântico, ela sanciona a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnis por intermédio do casamento. Mas valoriza também a divisão do trabalho entre os esposos, fazendo ao mesmo tempo do filho um sujeito cuja educação sua nação é encarregada de assegurar. A atribuição da autoridade torna-se então motivo de uma divisão incessante entre o Estado e os pais, de um lado, e entre os pais e as mães, de outro. Finalmente, a partir dos anos 1960, impõe-se a família dita "contemporânea" — ou "pós-moderna" —, que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual. A transmissão da autoridade vai se tornando então cada vez mais problemática à medida que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam. (ROUDINESCO, 2003 p.19)

Aqui me interessa a última fase apontada pela autora para conversar com as questões que envolvem a pesquisa. No entanto, fico reflexiva sobre este momento que estamos vivendo, a contemporaneidade, se de fato pode ser chamada de pós-moderna ou se já entramos em um outro cronotopo que só construiremos sua definição quando estivermos distantes no tempo e pudermos realizar um exercício de excedente de visão. Porque dependemos do:

... excedente de visão – conceito que Bakhtin desenvolve a partir das noções de tempo e espaço como unidade da arena discursiva e que condiciona toda e qualquer visão à relatividade provocada pelo posicionamento que o sujeito ocupa, havendo sempre algo inacessível ao próprio olhar... (MOTTA, 2007, p. 107)

Visto que as famílias são instituições que possuem regras e formas próprias de se constituir e que decorrem da estrutura social e econômica para se moldar, a cultura contemporânea, cibercultura, fenômeno que transformou nosso modo de nos comunicarmos, de ser e estar no mundo, também a afeta e altera.

Abordo aqui as rotinas das crianças que alteraram a convivência familiar por conta da pandemia da Covid-19 e da adoção do isolamento social como medida protetiva contra a disseminação do vírus.

Diante deste contexto, o fazer educacional alterou-se. Então, a proposta foi ouvir essas famílias, pois:

Uma família é não só um tecido fundamental de relações, mas também um conjunto de papéis socialmente definidos. A organização da vida

familiar depende do que a sociedade através de seus usos e costumes espera de um pai, de uma mãe, dos filhos, de todos os seus membros, enfim. Nem sempre, porém, a opinião geral é unânime, o que resulta em formas diversas de família além do modelo social preconizado e valorizado. É através da família – menor célula organizada da sociedade – que o Estado pode exercer um controle sobre os indivíduos, impondo-lhes diferentes responsabilidades conforme cada momento histórico. (PRADO, 1981, p. 24))

Cabe também lembrar que os sujeitos das famílias desempenham funções entre eles, como oferecer lazer, civilidade, sociabilidade, moradia, higiene, educação.

As funções de cada família dependem em grande parte da faixa que cada uma delas ocupa na organização social e na economia do país a qual pertence. É preciso distinguir as expectativas sociais em relação à família, como também àquelas que ela própria preenche em relação aos elementos mais indefesos da sociedade: crianças e deficientes em todas as idades. (PRADO, 1981, p.36)

Sendo assim, podemos dizer que a família sempre está relacionada ao grau de desenvolvimento de uma sociedade e das formas de produção, economia e de comunicação, apresentando construções e funções de acordo com o momento em que é observada. Abaixo, vemos duas imagens que ilustram os arranjos familiares na contemporaneidade.

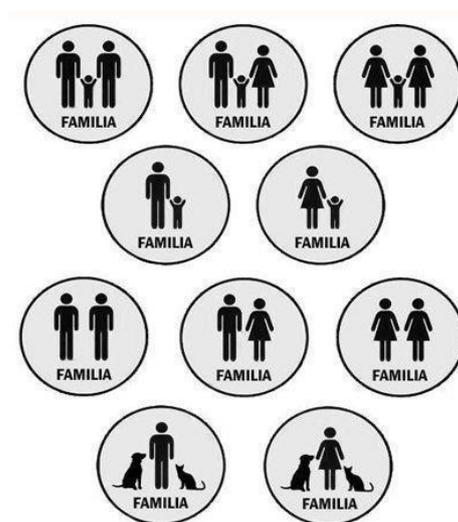
Imagem 7: Formações familiares contemporâneas



15 de maio  
Dia da  
FAMÍLIA  
dia de  
TODAS  
as famílias

Fonte: Imagens do *google*

Imagem 8: Formações familiares contemporâneas .



Fonte: Imagens do *google*.

Dadas as inúmeras transformações nos âmbitos sociais, econômicos, culturais e biológicos no cronotopo pandêmico, surgiram algumas indagações: como são as formações das famílias com quem estou conversando? Que alterações sofreram? Que funções exercem? Que crises a pandemia provocou? Além de ouvir sobre como conduziram a mediação das atividades escolares durante o ERE, preciso trazer suas vivências, as marcas que as constituíram. E é por isso que entro pelos *portões* das casas dos discentes para conversar com quatro famílias, da forma que lhe for mais confortável. Este é meu campo de pesquisa, presente no ciberespaço, através de conversas via *WhatsApp*, escolha unânime feita pelos participantes.

Depois das primeiras abordagens aos familiares, enunciadas no capítulo três, sobre a metodologia da pesquisa e considerando o apontamento da banca de que seria mais adequado realizar as conversas com menos familiares, o número que no projeto da pesquisa era de vinte familiares, reduziu-se a três. Chamou atenção que as pessoas responsáveis pelo cuidado das crianças e das demandas de serviço da casa eram todas mulheres. E, por falar em cuidado, este termo aparece muitas vezes nos estudos sobre a pandemia e, pelo que li, é um conceito desenvolvido pela área da saúde para tornar os atendimentos mais humanos.

Socialmente falando, quando pensamos em cuidado, o que nos vêm à cabeça? Atrevo-me a sugerir que seja alguma imagem que tenha uma mulher cuidando de alguém, da casa, dos filhos, do marido. Há um comercial, que passa nos intervalos das programações da TV aberta, de um produto descongestionante que auxilia na respiração em caso de gripes e resfriados que sempre

me incomoda quando vejo: a mulher (mãe), passa o produto no filho, no marido e, por fim, nela mesma. A meu ver, este comercial revela que mesmo no século XXI, com o avanço do ativismo feminista, de mais mulheres ocupando posições políticas, exercendo cargos e funções antes ocupados apenas pelas pessoas do gênero masculino, ainda assim, a ação de “cuidar” é diretamente apontada como uma demanda na qual as mulheres são as principais responsáveis.

Avançamos tanto em termos de tecnologia e em tantos aspectos, mas o “cuidado” ainda é visto como uma atribuição das mulheres. “É notável a pluralidade das formas e relações sob as quais o trabalho de cuidado se exerce.” (GUIMARÃES, VIEIRA, 2020).

Desse modo, diferenciam-se as relações sociais (mercantis ou não mercantis) que sustentam o exercício dessa atividade, estabelecendo-se fronteiras e hierarquias entre essas e outras atividades similares. Bem assim, variam as formas de retribuição pelo trabalho desempenhado e os meios que materializam tal retribuição (que podem ou não ser monetários). (GUIMARÃES, VIEIRA, 2020, p.7)

O cuidado pode ser visto das seguintes formas: obrigação moral associada ao gênero feminino, como ajuda, estabelecendo uma relação de troca de favores ou camaradagem entre pessoas; ou como uma profissão, na qual existe uma relação mercantil e há pagamento em dinheiro, salário;

Comento sobre o assunto do “cuidado” e de sua relação com as mulheres por duas razões: a primeira: durante o exame de qualificação, a Professora Márcia apontou a importância sobre as questões de gênero e da luta feminina para que haja uma reflexão sobre o assunto; segundo, porque as pessoas participantes da pesquisa são quatro mulheres. Elas foram as principais responsáveis pelo “cuidado” e acompanhamento das atividades escolares no ERE durante o isolamento social. É notável a pluralidade das formas e relações sob as quais o trabalho de cuidado se exerce. (GUIMARÃES, VIEIRA, 2020)

## **6.1- As conversas com os familiares**

Entrando pelas portas das casas das famílias dos estudantes da E. M. Prof. Joaquim de Freitas é um jeito simbólico de dizer que nos encontramos fora do ambiente formal educacional. A porta neste caso foi a interação particular que tivemos por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp*.

Como descrito, primeiramente tentei realizar a comunicação com os familiares por meio do grupo de *WhatsApp* e ao longo do desenvolvimento as conversas aconteceram individualmente com os sujeitos da pesquisa. As mães receberam o “Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), preencheram e iniciamos nossas conversas individuais. Propus algumas vezes que nos reuníssemos coletivamente por videochamada ou pessoalmente, afinal já não estávamos mais em isolamento social, no entanto não foi possível a realização desta proposta, pois os horários de disponibilidade delas não coincidiam. E elas se mostraram mais confortáveis na conversa por escrito e poucas vezes utilizaram a opção de mensagem de voz do aplicativo.

Todas permitiram o uso de seus nomes verdadeiros e diante do fato de que essa exposição não implicou em risco para nenhum dos envolvidos, apresento Jaqueline, Jacqueline, Mauricea e Veronica que compartilharam comigo como foi vivenciar a pandemia e auxiliar na realização das atividades escolares de seus filhos ou suas filhas durante o ERE. São mulheres na faixa de idade entre trinta e quarenta e cinco anos, casadas e mães de mais de dois filhos e/ou filhas. Sempre foram presentes e participativas nas atividades desenvolvidas na e pela escola no decorrer dos anos em que seus filhos/suas filhas estão matriculados na E M Professor Joaquim de Freitas. Elas já foram alunas da Unidade Escolar e são moradoras das adjacências. Quanto à Jaqueline, por exemplo, seu filho mais velho foi meu aluno quando estava no quarto ano e hoje apenas dois de seus filhos estudam conosco.

Durante o período o ERE, apenas Jaqueline tinha três telefones celulares, as demais apenas um para utilizar no acompanhamento das atividades escolares. Todas tinham acesso à internet via *Wi-fi*. Sobre a relação de contato com a escola, elas afirmam que foi de forma clara e educativa através de grupo de *WhatsApp*. Veronica afirmou:

*- Foi formado grupo das turmas, e lá passado as atividades. As mães mandaram as fotos das atividades e a professora corrigia.*

Com exceção de Veronica, que é artesã, as demais ficaram desempregadas durante o isolamento social e somente elas eram responsáveis por acompanhar as atividades escolares das crianças. Em suas casas moravam de três a cinco pessoas.

As participantes da pesquisa apontaram como principais pontos negativos desta experiência o desemprego, as necessidades financeiras, o uso das máscaras, não poder sair de casa, muito medo sobre como seria o futuro, o estresse e a insegurança. Apresentaram ainda como ponto positivo que a família ficou mais unida, estreitando os laços de suas relações. Como a metodologia foi a conversa realizada pelo aplicativo de mensagem e elas poderiam ficar à vontade para digitar ou mandar áudio, registro aqui a transcrição fiel de um áudio de Jaqueline contando-me como foi a época do isolamento social e ERE:

*Oi, bom dia!*

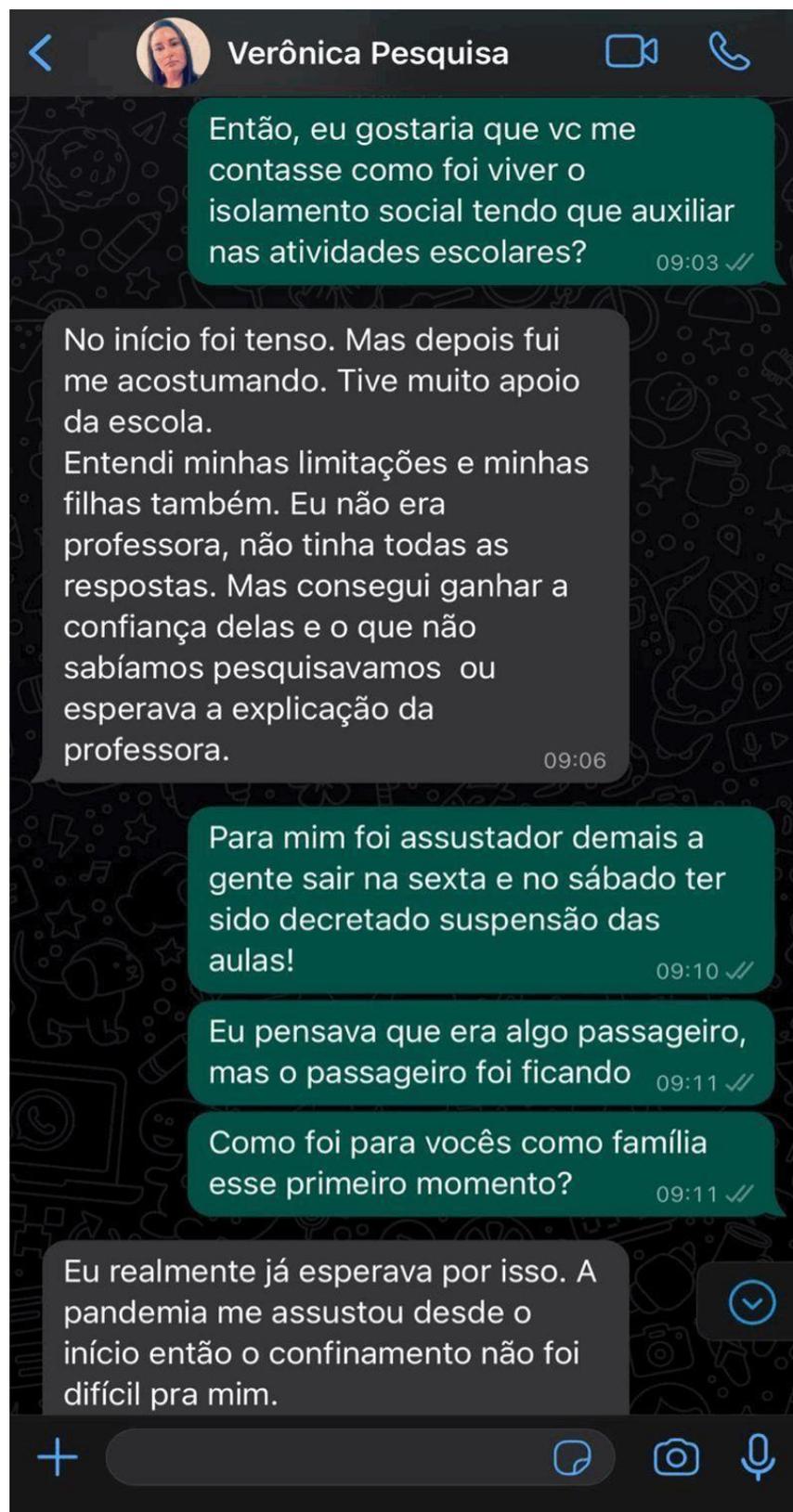
*Desculpa a demora, muita correria . mas vou te relatar aqui como é que foi ... então é a pandemia aconteceu de 2019 para 2020 e nessa época eu trabalhava na rua como executiva de vendas.*

*E na verdade, na verdade, eu não tinha muito tempo para estar auxiliando ela nas tarefas. Foi assim um período bem difícil, bem complicado porque eu tive que parar de trabalhar. Então eu trabalhava de casa e é de maneira muito grande e ela estava no terceiro ano, né, nessa época. E ela estava na aprendizagem para a transição para aprender a ler! Eu não tenho muita paciência não, para estar ensinando ... então o que aconteceu: a gente teve bastante dificuldade porque o celular nessa época foi um grande atrativo para as crianças né? E ela ficou bastante tempo no celular e tem bastante dificuldade até hoje para estar fazendo leitura.*

*Ainda está bem atrasada exatamente por causa disso, entendeu?*

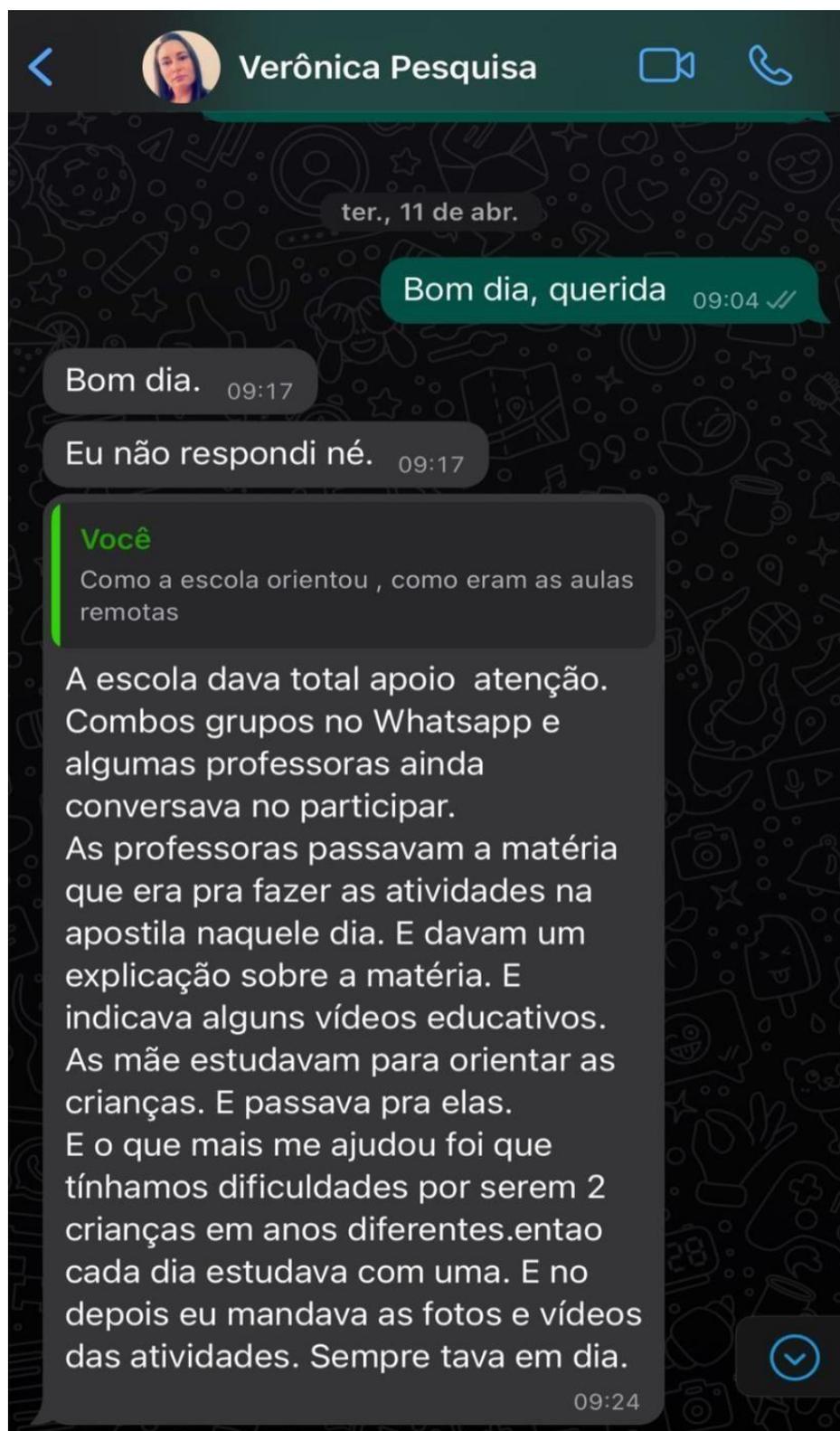
A seguir, mostro dois prints de uma das conversas que tive com Veronica através de mensagens escritas no aplicativo.

Imagem 9:: Conversa com Veronica 1



Fonte: Diário de pesquisa

Imagem 10: Conversa com Veronica 2



Fonte: Diário de pesquisa

As conversas demonstram que as mães, únicas responsáveis pelo acompanhamento das atividades escolares, apesar das adversidades que existiram, conseguiram, de acordo com suas condições, manter uma boa relação com a escola e manter em dia as atividades. Jaqueline, inclusive, já apresenta uma das consequências do afastamento presencial da escola: neste momento sua filha estava na fase da alfabetização e que esta dificuldade ainda não foi reparada.

A respeito de todo o processo de contato e início das conversas que tive com estas familiares que aceitaram participar desta pesquisa, fico com a sensação de que diante do caos pandêmico, elas foram responsáveis e responsivas com o ato de auxiliar aos seus filhos/ suas filhas a manter a educação formal. O que podemos constatar em ações como buscar as apostilas na escola, dedicar tempo para interagir com o professor e grupo de *WhatsApp* da turma correspondente a cada ano de escolaridade e buscar superar as adversidades que lhes foram impostas abrupta e inesperadamente.

Estas ações apresentadas por estes familiares não representam a realidade de todos os familiares dos discentes da E. M. Professor Joaquim de Freitas. As impressões e análises que podemos fazer sobre esta pesquisa devem considerar que este é um recorte micro, diante da totalidade de uma escola, e não pode ser generalizado. Inclusive podemos atribuir a esse maior acompanhamento a anuência em participar de nossa pesquisa.

Por falar em análises, passemos a ela e as considerações provisórias sobre a pesquisa. Provisórias, pois em Bakhtin entendemos que os atos são únicos e irrepetíveis. Que apontar um acabamento único e fechado sem considerar a unicidade dos atos de leitura de outras pessoas que terão acesso a este texto, e até mesmo eu, a pesquisadora e autora desta escrita, seria contestar do pensamento de Bakhtin de que os atos, os enunciados não seriam indissociáveis das três esferas da vida propostas por ele: ética, estética e epistemologia.

## DEIXANDO A PORTA ENTREABERTA PARA AS COMPREENSÕES

Chegamos ao final desta dissertação, obviamente, aqui não pretendo apresentar conclusões permanentes sobre a pesquisa realizada. São as minhas compreensões possíveis no cronotopo da pesquisa e da elaboração do meu projeto de dizer. Compreensões que serão responsáveis e responsivas tanto para mim quanto para o leitor. Como vimos em Bakhtin e Vigotski as compreensões acontecem a partir de quem somos, de como nos constituímos ao longo da vida. A questão de investigação desta pesquisa era identificar como foi realizada a mediação dos conteúdos escolares pelas famílias de alguns discentes da E M Prof. Joaquim de Freitas no Ensino Remoto Emergencial durante a quarentena da Covid-19 nos anos de dois mil e vinte e dois mil e vinte e um.

Foi possível conhecer os enunciados das ações e adaptações para o acompanhamento e auxílio de quatro familiares com as atividades escolares durante o isolamento social da E M Joaquim de Freitas. Estes enunciados foram registrados a partir de minhas conversas com as quatro mães que participaram da pesquisa e a partir daí fazer algumas inferências.

As ações realizadas pelas mães para acompanhar as atividades escolares foi seguir o direcionamento estruturado pela Secretaria de Educação do Município de Nova Iguaçu e a parceria com a gestão e os professores dos discentes. Em relação às apostilas produzidas pela SEMED, disponíveis no armazenamento do *google* “Educa Mais”, o resultado não foi como o esperado e a secretaria enviou as apostilas impressas e os responsáveis as retiravam para computar a participação/ presença do discente. Pelo exposto nas conversas, o que de fato garantiu a continuidade do ensino formal foi a parceria que família e escola construíram por meio dos aplicativos de redes sociais.

A dedicação das mães, mesmo tendo muitos afazeres e dificuldades em lidar com a missão de mediar à aprendizagem, em conjunto com os professores por meio do aplicativo de mensagens conectado à internet, de forma síncrona e assíncrona, mostrou que apesar do isolamento social e da pandemia foi garantida a continuidade da educação formal de modo significativo.

Segundo o conceito de mediação de Vigotski, os instrumentos nesse caso foram às apostilas, o aplicativo de mensagem conectado à internet e a linguagem, a verbal e a digital. A

linguagem teve papel fundamental nessas relações e momento difícil. A linguagem verbal utilizada como forma de comunicação entre docentes, discentes e familiares estabeleceu-se de forma positiva. Quanto à linguagem digital, que engloba a utilização dos meios digitais como as redes sociais e aplicativos, apesar de vivermos em tempo de ciberespaço/cibercultura, foram necessários o desenvolvimento de habilidades que antes eram usadas, principalmente, como forma de lazer.

A relação entre família e escola estreitou-se mais durante a quarentena, pois ambos os lados se empenharam em apoiar-se para um melhor desenvolvimento e aproveitamento dos discentes mesmo em meio às intempéries do momento. Para as famílias, não poder sair de casa, a perda de empregos, e a união entre seus membros foram indicadas como as principais mudanças em suas rotinas.

O acesso à internet e aos meios digitais apresenta grande nível de desigualdades. Aqui, as participantes da pesquisa tinham acesso à internet, mas essa não era, e ainda não é, a realidade de todos os discentes. Logo, podemos inferir que apesar de parecer que vivemos em um mundo totalmente globalizado e conectado, ainda não é acessível às camadas populares da sociedade brasileira a utilização dos recursos da cibercultura para apoiar, ampliar e consolidar novas metodologias e processos de aprendizagem formal. No final, o que manteve a educação escolar acontecendo foi a atitude de docentes e famílias. Apesar do desenvolvimento tecnológico e de vivermos em tempos de cibercultura, a abordagem da continuidade das “aulas remotas” mostrou-se focada em conteúdos, de forma mais tradicional e tecnicista.

Esta pesquisa reforça uma observação que nós docentes fazemos há anos: alunos cujas famílias atuam de forma significativa no acompanhamento da vida escolar das crianças conseguem apresentar um melhor desenvolvimento. Acredito que os assuntos que apareceram nesta pesquisa como a cibercultura e a educação formal, a consciência e a noção da era digital devem apresentar maiores investimentos para que docentes e discentes possam usar de forma produtiva aquilo que já está presente em nossas vidas.

Quando escolhemos a conversa como metodologia, visto que, acreditamos: que os enunciados do passado, do presente e do futuro constroem diálogos entre si no pequeno e no grande tempo. A conversa como metodologia desta pesquisa não se refere apenas às conversas realizadas com os sujeitos da pesquisa. Sendo uma pesquisa pelo viés da heterociência, ela apresenta seu projeto de dizer dialogando com os enunciados dos teóricos escolhidos, os

enunciados dos sujeitos, da pesquisadora, da autora, da pesquisadora com seu grupo de pesquisa, os enunciados que constituem os possíveis leitores deste trabalho dentro de um dado cronotopo.

Ainda sobre conversa, enquanto pesquisadora, na parte da realização das conversas com as mulheres, mães participantes, por preferirem utilizar o aplicativo de mensagens, senti falta dos recursos que temos durante uma conversa pessoalmente: entonações, olhares, gestos. Também esperava que as conversas tivessem maior desenvolvimento, gerando mais fontes de análises, que fossem mais fluidas e dinâmicas. Foi a ação inexperiente da pesquisadora? Foi a dificuldade e/ou não familiaridade de utilização do aplicativo de mensagens? Foi... O leque de questionamentos nos apresenta possíveis novas pesquisas para serem realizadas. Aqui, o que temos é o registro dos atos, dos enunciados que foi possível construir.

Assim como a porta é um lugar de passagem, as compreensões e inferências também são, pois sempre depende de como está o “seu mundo”. Para finalizar, atrevo-me a parodiar novamente Vinícius de Moraes:

## REFERÊNCIAS

ALVERNAZ, Aline. **Formação Continuada online de Professores de Educação Física para a Inclusão: forjando uma PEDAGOGIA DESCAPACITISTA**. 2022. 231 p. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2022.

ARAUJO, Francisco Antônio Machado. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. Diálogos sobre “educar hoje” sob mediação do conceito vigotskiano *Perejivânie*. In Monteiro, V., Mata, L., Martins, M., Morgado, J., Silva, J., Silva, A., & Gomes, M. (Orgs.). **Atas do XIV Colóquio Internacional de Psicologia e Educação** (115-128). Lisboa: Edições ISPA., 2018. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/7035>

AGAMBEN, Giorgio O. O que é contemporâneo? *IN: O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Unochapecó, 2009. p.55-73

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. **O homem ao espelho. Apontamentos dos anos 1940**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2020.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

COSTA, Bruno Muniz Figueiredo. LOPES, Jader Janer Moreira. PEREIRA, Luiz Miguel [Orgs.]. **A ciência romântica de Luria: contextos de uma época e estudos contemporâneos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

COSTA E LOPES, Ana Lúcia Adriana. **Um novato lá na sala, tem que pegar ele também, tia. Escreve tudo agarrado! A escuta das enunciações sobre aprender nas conversas com crianças**. Niterói, 2018.

COSTA, N do R. A resiliência das grandes cidades brasileiras e a pandemia da Covid-19. **Saúde em Debate**. [internet]. 2021 Dec;45(spe2): 10-20. Available from: <https://doi.org/10.1590/010311042021E201>

DULTRA, C., CRUZ, L., & Assis, M. (2022). Contribuições da contemporaneidade na formação do sujeito da educação. **Scientia: Revista Científica Multidisciplinar**, 7(1), 35–56. Recuperado de <https://www.revistas.uneb.br/index.php/scientia/article/view/12214>

FARIAS, S. A., & BORTOLANZA, A. M. E. (2013). Concepção de mediação: o papel do professor e da linguagem. **Revista Profissão Docente**, 13(29), 94–109. Disponível em: <https://doi.org/10.31496/rpd.v13i29.626>

FRIEDRICH, Janette. **Lev Vigotski: mediação, aprendizagem e desenvolvimento: uma leitura filosófica e epistemológica**. Campinas: Mercado de Letras, 2012. Trad.: Machado e Lousada

GERALDI, João Wanderley .Heterocientificidade nos estudos linguísticos.Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso– GEGe -UFScar. **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**.São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

GUIMARÃES NA, VIEIRA PPF. As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome 1 . Estudado por [Internet]. 2020. Jan;34(98):7–24. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s01034014.2020.3498.002>

GLAT, R., & PLETSCHE, M. D. (2012). <b>Orientação familiar como estratégia facilitadora do desenvolvimento e inclusão de pessoas com necessidades especiais</b>. **Revista Educação Especial**, 33–40. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4913>

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem**. Campinas: Papirus, 1994.

LEMOS, André. **A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital**. Porto Alegre: Sulina, 2021.

\_\_\_\_\_. . Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. **Galáxia** (São Paulo:2020, (43), 54–66. <https://doi.org/10.1590/1982-2553202014397>

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

Lopes, L. P. da M. (2004). Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos. **Scripta**,7(14),1 59-171. Recuperado de <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12552>

MIOTELLO, Valdemir. Algumas anotações para pensar a questão do método em Bakhtin. *In: Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p.151-168.

MOTTA, Flávia Miller Naethe. *As crianças e o exercício de práticas de autoridade*. Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_ **De crianças a alunos: a transição da educação infantil par o ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_ Notas sobre o acolhimento. **Educação em Revista: Belo Horizonte**, 2014. v.30,n.04( Outubro-Novembro)

MOTTA, Flávia Miller Naethe. SOUZA, Ana Lucia Gomes de.[Orgs.] **Tem heterociência na da: Produções bakhtinianas em territórios fluminenses**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022

MOTTA, Flávia Miller Naethe. OLIVEIRA, Janete Aníbal de.Heterociência: um jeito outro de produzir conhecimento.*In: COSTA,Bruno Muniz Figueiredo. LOPES,Jader Janer Moreira. PEREIRA, Luiz Miguel. [Orgs.] A ciência romântica de Luria: contextos de uma época e estudos contemporâneos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 197 – 220.

OLIVEIRA FAF DE, BARROCO SMS. Revolução tecnológica e smartphone: considerações sobre a constituição do sujeito contemporâneo. **PsicolEstud** [Internet]. 2023;28:e51648. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v28i0.51648>

PRADO, Danda. **O que é família?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

PLETSCH, Márcia Denise; MENDES, Geovana Mendonça Lunardi . Entre a espera e a urgência: propostas educacionais remotas para crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus durante a pandemia da COVID-19. **Práxis Educativa** (IMPRESSO), v. 15, p. 1-16, 2020.

PLETSCH, Marcia Denise; SOUZA, Izadora Martins Da Silva De ; MOREIRA, Saionara Corina Pussenti . Apresentação primeira edição especial: educação e democracia em tempos de pandemia. **Revista Interinstitucional Artes De Educar**, v. 6, p. 4-11, 2020.

PINO, Angel. A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. **PEPG: Psicologia Da Educação**.n. 7/8 (1999). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/42857>

RAAD, Ingrid Lilian Fuhr. As ideias de Vigotski e o contexto escolar. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 33, n. 100, p. 98-102, 2016. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010384862016000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862016000100011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 13 ago. 2023.

ROBERTI, D. L. P. Um olhar sobre a “vivência” através do seu autor: Conceitos e traduções na obra de Vigotski. Fractal: Revista de Psicologia, v. 31, n. 1, p. 16-19, 22 fev. 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet**. São Paulo: Paulus, 2021. Coleção Comunicação

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019

SCHERMA, Camila Caracelli. OLIVEIRA, Eliziane T. de. GUARDA, Gelvane Nicole. Et al. [Orgs.] **Para uma escuta responsiva: a alteridade como ponto de partida**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2018.

SILVA, L. N. ; PLETSCHE, M. D. ; DIAS, F. S. . Essencialidade da educação presencial na emergência da COVID-19 no Brasil: análise do Projeto de Lei nº 5.595/2020. CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA, v. 37, p. 1-4, 2021.

SOUZA, Ana Lucia Gomes de. **Ideias-Força que acolhem, escutam, promovem e contam a história do Centro de Atividades Comunitárias de São João de Meriti/RJ – CAC/SJM**. 2020. 271 p. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2020.

TORINO, R. País do futuro? Conflitos de tempos e historicidade no Brasil contemporâneo. Estudado por [Internet]. 2022maio;36(105):85–104. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2022.36105.006>

VIGOTSKI, Levi Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2021.

SANTOS, Edméa. Cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. *IN*: Fontoura, Helena Amaral da. SILVA, Marco. (Orgs.) **Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011.

SANTOS, Edméa; SILVA, Marco O desenho didático interativo na educação online **Revista Iberoamericana de Educación**, Núm. 49, enero-abril, 2009, pp. 267-287

SILVA, J. M. S.; CARDOSO, V. C.; ABREU, K. E.; SILVA, L. S. A FEMINIZAÇÃO DO CUIDADO E A SOBRECARGA DA MULHER-MÃE NA PANDEMIA. *Revista Feminismos*, [S. l.], v. 8, n. 3, 2021. Acesso em: 30 set. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>.